

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

MARIA ANTONIETA PEREIRA TIGRE ALMEIDA

AQUISIÇÃO DA ESTRUTURA FRASAL NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

2013

MARIA ANTONIETA PEREIRA TIGRE ALMEIDA

AQUISIÇÃO DA ESTRUTURA FRASAL NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Aquisição e Patologias da Linguagem

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Stella Lessa-de-Oliveira.

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

2013

Almeida, Maria Antonieta Pereira Tigre.

A449a Aquisição da estrutura frasal na língua brasileira de sinais /
Maria Antonieta Pereira Tigre, 2013.

83f.: il.:

Orientador (a): Adriana Stella Cardoso Lessa- de-Oliveira.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste
da Bahia, Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, BA,
2013.

Referências: f. 71-73

1. Aquisição de linguagem. 2. Gramática Gerativa. 3. Libras.
4. Escrita SEL. 5. Surdo. I. Lessa-de-Oliveira, Adriana Stella
Cardoso. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. III. T.

CDD: 371.912

Catálogo na fonte: Elinei Carvalho Santana – CRB-5/1026
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Acquisition of the phrasal structure in Brazilian sign language

Palavras-chave em inglês: Language Acquisition. Writing SEL. Generative Grammar. Libras. Deaf.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira (Presidente-Orientadora);
Profa. Dra. Cristiane Namiuti Temponi (UESB); Profa. Dra. Irenilza Oliveira e Oliveira (UNEB)

Data da defesa: 18 de fevereiro de 2013.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

MARIA ANTONIETA PEREIRA TIGRE ALMEIDA

AQUISIÇÃO DA ESTRUTURA FRASAL NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

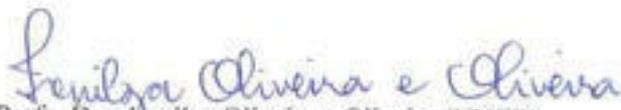
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 18 de fevereiro de 2013.

BANCA EXAMINADORA


Profª. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira (UESB)
(Orientadora)

Profª. Dra. Cristiane Namiuti Temponi (UESB)


Profª. Dra. Lenilza Oliveira e Oliveira (UNEB)

O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre. (José Saramago)

Aos companheiros inseparáveis de jornada: meus filhos Pedro Henrique e João Vitor, que, mesmo na inocência pueril, quando necessitavam de apoio acalentavam-se: “minha mãe está estudando”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Profa. Dra. Adriana Stella Lessa-de-Oliveira por suas orientações com firmeza e doçura, sempre com palavras de incentivo nos momentos mais difíceis. O seu otimismo foi o componente básico para a realização deste projeto, suas orientações eram aulas que levarei por toda a minha vida, me sinto agraciada por ter partilhado do seu conhecimento.

Agradeço a Profa. Dra. Cristiane Namiuti Temponi por suas aulas de sintaxe conteúdo que tive que desvendar para continuar este projeto de mestrado.

Agradeço a Profa. Dra. Cristiane Namiuti Temponi e a Profa. Dra. Consuelo de Paiva Godinho Costa pelas sugestões apresentadas na minha banca de qualificação.

Agradeço a UESB que, por meio do Programa de Pós-Graduação em Linguística me oportunizou desenvolver este estudo.

Agradeço a Profa. Andrea Cleoni ex-diretora do Colégio Estadual Abdias Menezes, que soube compreender as minhas necessidades de frequentar as aulas do mestrado.

Agradeço a minha comadre, amiga e diretora da Escola Especial Lions Clube Centro onde tudo começou e consegui a autorização para desenvolver parte da minha pesquisa com os alunos surdos.

Agradeço aos amigos surdos Gabriel Oliveira, Henrique Teodoro, Joziel Rodrigues, Magno Prates e Carolina Oliveira por colaborarem diretamente com a minha pesquisa ao produzirem a narrativa da “Cinderela Surda”, do qual retirei as sentenças para a análise e produção da dissertação.

Agradeço a minha família, principalmente ao meu esposo Isaías Jose de Almeida Neto pela compreensão de que eram necessárias tantas horas de estudo, aos meus filhos Pedro Henrique e João Vitor que, apesar de pequenos, entenderam que a dedicação a este estudo era por um tempo determinado.

Agradeço aos meus pais Maria Pereira de Sousa e Antônio Arifa Tigre a lição de que na vida é preciso lutar.

Agradeço às amigas Edivanda Trindade Damsceno pela ajuda ao ler meus textos com seu olhar de linguista que via o conjunto, à amiga Vanessa Mutti pelo incentivo em continuar estudando, a Tálita Lessa pelo apoio nos momentos mais difíceis, ela estava lá sempre pronta a colaborar, e a Sílvia Maria, colega de mestrado e agora amiga, com quem discuti todos os problemas encontrados durante este mestrado.

Agradeço a Deus pela oportunidade de ter realizado este projeto de mestrado, apesar das dificuldades. Esta é mais uma etapa em minha vida.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo apresentar uma análise da aquisição da libras por surdos que tiveram seus processos de aquisição estabelecidos em três contextos diferentes: a) *aquisição natural na infância* (ANI), tendo como *input* a libras como primeira língua (L1) desde o nascimento; b) *aquisição na infância de família ouvinte* (IFO), tendo como *input* a libras de falantes de segunda língua (L2), a partir dos 4 anos de idade; e c) *aquisição tardia* (AT), tendo como *input* a libras de falantes de segunda língua (L2) e seus colegas surdos, a partir dos 8 anos de idade. O quadro teórico que fundamenta este estudo é a Gramática Gerativa, com sua hipótese inatista de aquisição da linguagem. Para definição do signo linguístico da libras (o sinal), assumimos a hipótese da unidade MLMov de Lessa-de-Oliveira (2012). A autora identifica esta unidade como o elemento de composição articulatória do sinal. Utilizamos o sistema de escrita SEL, também desenvolvido por Lessa-de-Oliveira (de 2009 a 2012) na transcrição dos dados, optando por uma escrita direta. Esta metodologia de transcrição criou condições para uma análise de dados mais próxima da forma como estes dados foram articulados pelos informantes. Este recurso possibilitou uma análise mais detalhada das características da língua, que demonstra uma variedade de possibilidades de predicação, ora relacionadas à condição de articulação espacial tridimensional própria de línguas de sinais ora relacionadas a aspectos de uma sequência linear, mais de acordo com o que se encontra em línguas orais. Concluímos, assim, que a estrutura argumental das libras se utiliza de quatro processos de predicação: *saturação por categorias lexicais*, *saturação por categorias vazias*, *saturação por Localizadores (Locs.)* e *autossaturação*. A comparação desses quatro tipos de predicação entre os três perfis de informantes acima demonstra que a diferença de qualidade do *input* não interfere na aquisição da língua como L1. Tal resultado reforça a hipótese inatista, ilustrada pelo *Problema de Platão*, pois verificamos que a partir de um *input* fragmentado, impreciso, tardio (após os 8, 10 anos de idade) é possível adquirir a língua como nativo. Mas, os dados põem em questão a hipótese de que o período crítico de aquisição da linguagem estaria circunscrito aos 6 anos de idade.

PALAVRAS-CHAVE

Aquisição da Linguagem. Escrita SEL. Gramática Gerativa. Libras. Surdo.

ABSTRACT

This dissertation aims to present an analysis of the acquisition of LIBRAS by deaf which had their acquisition processes established in three different contexts: a) natural acquisition in childhood (ANI), taking as input the LIBRAS as a first language (L1) from birth; b) acquisition in the childhood with family listener (IFO), taking as input the LIBRAS of second language speakers (L2), from 4 years old; and c) late acquisition (TA), taking as input the LIBRAS of second language speakers (L2) and his deaf schoolmates, from the 8 years old. The theoretical framework underpinning this study is the Generative Grammar, with its innatist hypothesis of language acquisition. For definition of the linguistic sign of LIBRAS (the signal), we assume the hypothesis of MLMov unit of Lessa-de-Oliveira (2012). The author identifies this unit as an element of the signal articulatory composition. We use the SEL writing system, also developed by Lessa-de-Oliveira (2009 to 2012) in the transcription of data, because we opt for do transcription by direct writing. This methodology of transcription created conditions for an analysis of data nearest the way these data were articulated by the informants. This resource allowed a more detailed analysis of the characteristics of the language, which shows a variety of possible predication related to the three-dimensional articulation condition own of sign languages or related to aspects of a linear sequence, more consistent with what is found in oral languages. We therefore conclude that the argumental structure of LIBRAS uses four process of predication: lexical categories saturation, empty categories saturation, saturation by locators (Locs.) and self-saturation. A comparison of these four types of predication between the three profiles of informants above demonstrates that the difference in quality of the input does not interfere in the acquisition of language as L1. This result reinforces the innatist hypothesis, illustrated by Plato's Problem, because verified that it is possible to acquire a native language from the fragmented, inaccurate and late (after 8, 10 years old) input. But the data puts in question the hypothesis that the critical period of language acquisition would be limited to the 6 years old.

KEYWORDS

Language Acquisition. Writing SEL. Generative Grammar. Libras. Deaf.

NOTA

No apêndice, encontram-se as regras e os caracteres do sistema de escrita SEL (sistema de escrita para línguas de sinais), utilizado para transcrever os dados da pesquisa e utilizado para escrever a versão do resumo em libras, que se encontra a seguir. No apêndice, encontra-se também o resumo em libras com glosas do português.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 13 |
| 1.1 DEFINIÇÃO DA TEMÁTICA | 13 |
| 1.2 SUJEITOS INFORMANTES E <i>CORPUS</i>..... | 15 |
| 1.3 TRANSCRIÇÃO DOS DADOS | 16 |
| 1.4 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO | 20 |
| 2 PANORAMA TEÓRICO-METODOLÓGICO | 21 |
| 2.1 UM CAMINHO PARA INVESTIGAÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS COMO LÍNGUA NATURAL..... | 21 |
| 2.2 O OBJETO DE ESTUDO FRENTE AOS PRESSUPOSTOS GERATIVISTAS BÁSICOS DA ESTRUTURA ARGUMENTAL..... | 28 |
| 2.3 O OBJETO DE ESTUDO FRENTE A UMA TEORIA DOS PAPÉIS TEMÁTICOS..... | 32 |
| 3 ESTRUTURA ARGUMENTAL EM LIBRAS..... | 38 |
| 3.1 BREVE DESCRIÇÃO DE ALGUNS ASPECTOS OBSERVADOS NA LIBRAS..... | 38 |
| 3.2 A SATURAÇÃO DE PREDICADORES | 48 |
| 4 AQUISIÇÃO DA FRASE EM LIBRAS..... | 60 |
| 4.1 A HIPÓTESE INATISTA DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM..... | 60 |
| 4.3 O PERÍODO CRÍTICO..... | 66 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 69 |
| REFERÊNCIAS | 71 |
| APÊNDICES | 74 |
| APÊNDICE A - REGRAS E CARACTERES DO SISTEMA DE ESCRITA SEL | 74 |
| APÊNDICE B - RESUMO EM LIBRAS COM GLOSAS..... | 81 |

1 INTRODUÇÃO

1.1 DEFINIÇÃO DA TEMÁTICA

Deparamo-nos, neste estudo, com dificuldades relativas ao fato de as pesquisas sobre línguas de sinais (principalmente sobre a libras) pertencerem a uma área pouco explorada e por isso encontramos um terreno quase que completamente desconhecido, em termos da estrutura da gramática dessas línguas. As línguas de sinais sempre existiram como forma de os indivíduos surdos estabelecerem comunicação. No entanto, os linguistas clássicos não fizeram referência à modalidade de língua gestovisual, cabendo ao americano William Stokoe (1960), que se propôs a tal tarefa, iniciar a investigação da relação entre as características de línguas de sinais e os princípios das línguas naturais com seus desdobramentos.

A presente análise parte de um *corpus* montado com base em três perfis de informantes, selecionados com vistas à investigação do processo de “aquisição tardia da linguagem”. Nesta perspectiva nos pautamos no quadro teórico da Gramática Gerativa, tomando-o como fundamento na descrição e explicação desse fenômeno linguístico. Utilizamos o modelo de Princípios e Parâmetros, que explica não apenas o que há de igual nas línguas humanas, mas também as diferenças sintáticas entre elas. Procuramos guiar esta investigação pautada nos pressupostos do modelo gerativista (CHOMSKY, 1981, CHOMSKY e LASNIK, 1995), considerando seu desdobramento mais recente, o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995), que assume a abordagem de Princípios e Parâmetros, introduzindo a concepção do “princípio de economia”, “simetria” e “não-redundância”. Assim compreendemos que os postulados desta teoria nos possibilitam analisar qualquer língua natural, mesmo aquelas com um modo de articulação tão diferenciado, como é a libras – uma língua gestovisual.

A proposta deste trabalho é traçar um caminho em direção ao estudo de estruturas frasais (ou sintagmáticas) em libras, com vistas à análise do processo de aquisição da linguagem. Optamos por analisar os dados procurando a relação binária entre “predicador” e “argumento”, fazendo a partir daí uma análise da natureza desses processos de predicação. Tivemos com isto a intenção de capturar apenas o traço semântico na relação binária entre esses elementos, considerando que predicador é o termo que atribui um papel temático ao argumento. Assim, este trabalho procura partir de aspectos básicos dentro do estudo das estruturas sintagmáticas, a fim de começar a identificar as bases gramaticais da libras. Não

avancamos em questões de natureza funcional da estrutura frasal, nos limitamos a analisar aspectos relativos à seleção semântica.

O presente estudo estrutura sua análise da frase em libras, partindo do pressuposto de que esta é uma língua de dimensões espaciais, apresentando a característica de tridimensionalidade desde a constituição de sua unidade significativa menor, o sinal, estendendo esta característica à frase e mesmo à sentença.

Como veremos detalhadamente mais adiante, para definição do signo linguístico da libras (o sinal), assumimos a hipótese da unidade MLMov de Lessa-de-Oliveira (2012). A autora identifica esta unidade como o elemento de composição articulatória do sinal, que pode corresponder a um item lexical ou a uma sentença inteira. Portanto utilizamos a definição de unidade MLMov da autora para segmentar os enunciados e identificar os sinais nesta segmentação.

Quanto à identificação da natureza sintática dos sinais encontrados nos dados, se um item lexical, frasal ou sentencial, isto fica a cargo da análise das relações sintáticas observadas entre mais de um sinal. Ressaltamos que o presente estudo detém suas análises ao nível frasal, sintagmático, deixando de lado, no momento, o nível sentencial.

Como recurso de representação da unidade MLMov, utilizamos o sistema de escrita SEL, também desenvolvido por Lessa-de-Oliveira (2012), que procura capturar através da referida unidade a articulação do sinal nas três dimensões espaciais.

Assim, para a transcrição dos dados usamos a transcrição direta, através da escrita SEL acima mencionada, a fim de obtermos dados o mais próximo possível de sua articulação real, mantendo as características peculiares à articulação tridimensional, em nível de unidade lexical e em nível de estrutura frasal.

Além de uma análise da estrutura argumental, fazemos, neste estudo, também uma breve descrição de alguns aspectos da natureza morfossintática dos sinais em libras, tomando como base a unidade MLMov.

Dessa forma, este estudo delimita seu objeto sob dois aspectos. O primeiro é a “base argumental das frases em libras”. Partindo deste primeiro aspecto, investigamos o segundo, “a aquisição tardia dessa língua”. Caracterizamos como aquisição tardia um contexto de aquisição de línguas de sinais muito recorrente com pessoas surdas. Trata-se da aquisição da língua de sinais após os oito, dez anos de idade aproximadamente, tendo como *input* geralmente a língua de sinais de adultos ouvintes, que a adquiriram como segunda língua

(L2), e a língua de sinais falada¹ por outros surdos em ambiente escolar. Procuramos analisar os dados de aquisição tardia confrontando-os com dados de aquisição natural na infância, para avaliar a hipótese do período crítico, sua validade neste contexto de aquisição da linguagem.

1.2 SUJEITOS INFORMANTES E *CORPUS*

Os informantes desta pesquisa foram escolhidos visando três perfis diferentes: a) aquisição natural na infância (ANI); b) aquisição na infância de família ouvinte (IFO); e c) aquisição tardia (AT). Coletamos dados de um sujeito informante de cada um desses perfis. Acompanhei o processo de aquisição da libras ao longo dos anos, no caso de dois desses informantes, o de aquisição natural na infância e o de aquisição tardia.

O informante de perfil AT teve o primeiro contato com a libras na escola. Este contato ocorreu comigo, sua professora, e com outros surdos de família ouvinte. Estes meninos faziam parte de um grupo de estudantes surdos com o qual trabalhei desde os primeiros anos escolares até o fim do ensino fundamental. Todos deste grupo de alunos surdos iniciaram sua aquisição da libras com mais de 8 anos de idade. Foram eles o motivo impulsionador da continuidade dos meus estudos dentro da área de libras. Este contato ocorreu na Escola de Educação Especial Lions Clube, localizada no Centro de Vitória da Conquista. Apesar de chegarem à escola com mais de 8 anos de idade sem saber libras, em pouco tempo já eram capazes de usar a libras para a comunicação com os colegas do grupo e comigo.

Este informante AT, hoje com 17 anos, pertence a uma família de classe média e veio de outro município para frequentar a escola de surdos. Ele ficou surdo aos 5 meses de idade, ao contrair meningite. A família, que teve resistência à libras, o colocou para fazer terapia a fim de desenvolver a oralidade. Mas, com o passar do tempo, ele abandonou as sessões com a fonoaudióloga, o que deixou a família preocupada. Uma de suas tias, em visita à escola, demonstrou muita preocupação quanto ao futuro do sobrinho, que se negava a aprender a língua oral. Disse ela um dia: “Que profissão poderá ter meu sobrinho sem saber falar português?” Um questionamento bastante pertinente diante do novo, do diferente que era a libras naquele momento. Hoje ele é um adolescente como outro qualquer, até faz parte de um grupo de teatro. Encontrei aquela tia preocupada com seu futuro em uma apresentação de

¹ Utilizamos aqui os termos “fala” e “falante” relativamente ao uso da libras, uma língua gestovisual, porque consideramos a concepção de “fala” de Chomsky, que não se difere da de Saussure no tocante à concepção de que a fala é a língua em uso. Assim podemos conceber que a fala pode ser articulada de forma acústica (oral) ou de forma gestual. Portanto, podemos nos referir também ao “falante” de línguas de sinais. Em oposição à modalidade falada da língua temos a modalidade escrita desta.

teatro em que ele era um dos atores. Ela me abraçou fortemente com os olhos cheios de lágrimas.

O informante ANI também foi meu aluno, chegando à escola Lions Clube com 5 anos de idade. Quando chegou à escola ele já era uma criança que usava sua língua materna, a libras, com fluência satisfatória, sendo capaz de se comunicar como as crianças ouvintes se comunicam em língua oral.

Quanto à informante de aquisição na infância de família ouvinte, IFO, meu contato com essa criança foi apenas como pesquisadora. Essa criança, hoje com 12 anos, começou a frequentar a escola aos 4 anos de idade. Ela ficou surda em função de complicações no parto. Sua família fez parte de um programa de estimulação precoce em um hospital, que a orientou a procurar uma escola de surdos para a filha. Sua mãe sempre demonstrou interesse em aprender libras junto com a filha, ela participava da escola de pais. IFO usa a libras sem nenhuma dificuldade, conversa com os amigos surdos de modo espontâneo e sempre se comunica com falantes de libras com naturalidade.

O *corpus* desta pesquisa se constitui, assim, de amostras de fala em libras destes informantes. Essas amostras foram coletadas em vídeos que registram a narrativa, pelos informantes, do conto de fadas clássico “Cinderela”, aqui adaptado para “Cinderela Surda”. Os informantes foram convidados a assistir a um vídeo com esta narrativa adaptada. Depois todos narraram o mesmo conto, para termos um parâmetro de análise mais delimitado. A escolha pelo “gênero conto de fadas” deu-se em função de ser este um gênero textual rico em termos de contexto situacional, o que nos daria um contexto rico para a coleta dos dados.

1.3 TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

Em pesquisas cujo objeto é uma língua de sinais, seja com temática sociocultural ou de análise gramatical, tem sido empregada comumente uma metodologia em que se utilizam glosas² (somente as glosas) na transcrição de dados de fala. Segundo McCleary e Viotti (2007, p. 73) “os linguistas não têm acesso a corpora de textos escritos das línguas sinalizadas por onde começar sua análise, e nem a uma ferramenta básica por meio da qual construir um sistema de transcrição.”

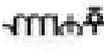
² As glosas em transcrições de dados de pesquisa são comumente utilizadas para dar ao leitor acesso ao conteúdo semântico dos dados de uma língua desconhecida por este. Assim, os dados de línguas orais são normalmente transcritos, pelo método de transcrição ortográfica, utilizando-se o sistema de escrita da língua pesquisada, quando a língua possui um sistema, e pelo método de transcrição fonética, utilizando-se o alfabeto fonético internacional.

Na maioria das vezes, o pesquisador, que utiliza um sistema de notação baseado em glosas, e nada mais, faz a transcrição a partir de uma interpretação possível na língua que serve como glosa, o que dificulta a continuidade da pesquisa por outro pesquisador. Informam McCleary e Viotti (2007, p.74) que, nos textos pioneiros de Ferreira Brito de 1984, “foi usado um sistema de notação por glosas (Ferreira Brito 1995: 207-209), apesar de a autora ter também publicado (com Remi Langevin) um detalhado sistema analítico de notação por traços (Ferreira Brito 1995: 211-242).” A transcrição por glosas passou a ser o padrão a partir de então “com algumas variações, em dissertações e teses sobre a gramática da LSB (Felipe 1988, 1998; Santos 2002: 277-280; Chan-Vianna 2003: iv-v; Finau 2004: 227-228).” (MCCLEARY E VIOTTI, 2007, p.74)

Apontamos como o maior problema deste tipo de transcrição o fato de o pesquisador acabar por analisar “dados” que não refletem a língua de sinais, mas as características gramaticais da língua utilizada nas glosas, uma vez que a estrutura gramatical desses dados não pode ser a da língua de sinais pesquisada. McCleary e Viotti (2007) apresentam dois fortes inconvenientes para a transcrição por glosas de dados de línguas de sinais.

Mesmo nos casos mais simples, quando é usada para representar sentenças eliciadas isoladamente, a transcrição por glosas traz dois inconvenientes que queríamos evitar na fase inicial de nossa descrição. Primeiro, achamos precipitado o uso de indicações com valor gramatical para marcações não-manuais, como de tópico, interrogação, ou negação. Tais rótulos pressupõem uma análise sintática/ semântica/ pragmática, e podem ocultar algumas diferenças sutis na produção das marcações não-manuais, que talvez sejam significativas. Outro inconveniente da transcrição por glosas que achamos que deveria ser evitado é a desvinculação do nome do sinal (sua glosa) da descrição de sua forma. Essa consideração não é levantada na literatura. O senso comum atrás da prática de se usar a glosa desvinculada de uma descrição é o de que “todo o mundo sabe” como determinado sinal é executado. No entanto, isso não é verdade. Vários fatores podem fazer com que os sinais sejam realizados de maneira diferente da forma mais conhecida, como, por exemplo, variação regional e micro-regional, ocorrência de processos fonológicos e sinonímia. Um problema relacionado a esse é a padronização do nome do sinal; muitas vezes, ao se atribuir nome ao sinal, a tendência é a de se traduzir o sinal com base no sentido dominante no contexto específico sendo transcrito, mesmo quando tal tradução não é o nome mais típico do sinal sendo executado (MCCLEARY; VIOTTI, 2007, p.75-76).

Como exemplo do problema que envolve esse tipo de transcrição citamos a seguinte situação. As línguas orais geralmente estabelecem a categoria gramatical dos itens lexicais por meio de morfologia derivacional ou flexional. Tal morfologia ainda não foi observada nas

línguas de sinais. Assim, o sinal  pode ser transcrito em glosa do português como CRESCER, CRECIDO ou CRESCIMENTO.³ A escolha da categoria verbal, adjetival ou nominal no momento da transcrição significa uma antecipação da análise dos dados para um momento em que as ferramentas teóricas de análise ainda não estão sendo consideradas. Isto implica, portanto, um enviesamento dos dados, sobretudo, em pesquisas sobre estrutura gramatical.

Além do método de transcrição de dados por algum sistema de glosas, utiliza-se em pesquisa sobre a libras, aqui no Brasil, o ELAN como tentativa de padronizar as transcrições da Libras.

O ELAN (EUDICO – LinguisticAnnotator) é uma ferramenta de notação que permite que se possa criar, editar, visualizar e procurar anotações através de dados de vídeo e áudio. Esta ferramenta foi desenvolvida no Instituto de Psicolinguística Max Planck em Nijmegen, na Holanda, com o objetivo de produzir uma base tecnológica para a notação e a exploração de gravações multimídias. Conforme Quadros, Pizzio e Rezende (2009), o ELAN foi projetado especificamente para a análise de línguas, da língua de sinais e de gestos, mas pode ser usado por todos que trabalham com *corpora* de mídias, isto é, com dados de vídeo e/ou áudio, para finalidades de notação, de análise e de documentação destes. McCleary e Viotti (2007, p.87) apontam o fato de o ELAN apresentar a possibilidade de visualizar duas ou mais tomadas de vídeo simultaneamente como vantagem para a transcrição das línguas sinalizadas. Entretanto, apontam uma desvantagem relacionada à natureza contínua da transcrição, que seria a impossibilidade de se gravarem relatórios que preservem as pautas organizadas por unidades ideacionais, como em transcrições convencionais. De qualquer forma, o ELAN também tem a desvantagem de afastar a transcrição do sinal da sua forma articulada, além da desvantagem de implicar definição prévia de categorias e funções sintáticas, obscurecendo qualquer análise de aspectos gramáticos a partir de dados sistematizados por esse tipo de instrumento.⁴

Esse problema da transcrição de dados de línguas de sinais tem sido considerado hoje em dia. A literatura internacional tem apontando as limitações dos procedimentos de

³ Discutiremos este exemplo mais detalhadamente abaixo.

⁴ Além do ELAN, McCleary e Viotti (2007, p. 85) citam outras ferramentas para transcrição de vídeo: ANVIL (Annotation of video and language data), desenvolvido por Michael Kipp, do DFKI (Centro Alemão para Pesquisas em Inteligência Artificial) para a anotação de comunicação não-verbal; CLAN (Computerized Language Analysis), desenvolvido na Universidade Carnegie Mellon para analisar dados transcritos no formato CHILDES; SIGNSTREAM, desenvolvido pelo American Sign Language Linguistic Research Project, da Universidade de Boston, especificamente para pesquisa com línguas sinalizadas; e TRANSANA, ferramenta para transcrição e análise qualitativa de dados em áudio e vídeo desenvolvida no Wisconsin Center for Education Research.

transcrições que vêm sendo utilizados e confirma a necessidade de as línguas sinalizadas serem estudadas por meio de *corpora* de língua produzida por sinalizadores fluentes (LIDDELL, 2003). Com foco na documentação de línguas sinalizadas e na construção de *corpus* para pesquisa dessas línguas, McCleary e Viotti (2007, p.24) estão desenvolvendo um sistema de transcrição de orientação eminentemente descritiva, conforme declaram esses autores.

Buscando um método de transcrição que nos livrasse dos problemas acima, nesta pesquisa optamos por um recurso metodológico que nos possibilitasse analisar a estrutura da libras a partir da forma como as amostras de fala foram articuladas. Para isso optamos por utilizar a escrita direta, por meio de um sistema de escrita de línguas de sinais, neste caso o sistema SEL. O SEL é um sistema de escrita para línguas de sinais desenvolvido por Lessa-de-Oliveira, em projeto de pesquisa, financiado pelo CNPq (Processo: 483450/2009-0) e pela FAPESB (Termo de Outorga: PPP 0080/2010), realizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, entre 2009 e 2012. Este sistema se mostra bastante eficiente na grafia dos sinais porque consegue representar com precisão a articulação tridimensional dos sinais de forma linear. A autora cita três grandes vantagens desse sistema: ele atende ao requisito da automatização do processamento, tanto na leitura quanto na escrita; é econômico na ocupação de espaço no papel; e é de fácil aquisição. Como desvantagem podemos dizer que, pelo fato de esse sistema ser uma forma de escrita linear, este não captura aspectos tridimensionais da sentença⁵ existentes na modalidade falada da libras. Isto ocorre porque se trata de um sistema desenvolvido como escrita para uso cotidiano e não como sistema para transcrição de dados. Mas avaliamos que o fato de este sistema ser muito preciso na representação da articulação do sinal deixa os dados preservados em relação a muitos aspectos de suas propriedades gramaticais; e procuramos resolver a questão de não marcação de aspectos sintáticos tridimensionais através de recursos complementares como a descrição.

No caso específico da transcrição aqui feita, procuramos representar não o sinal padrão⁶, mas a forma como este foi articulado pelo informante. Assim, é possível que seja verificado em trabalhos futuros, que também venham a utilizar o sistema SEL, os sinais aqui apresentados escritos de maneira diferente.

⁵ Este sistema não captura aspectos tridimensionais apenas da sentença. Mas nenhum dos outros recursos de transcrição utilizados em pesquisas dessa natureza tem se mostrado capaz de representar este aspecto. Além disso, no caso da articulação do sinal, o sistema SEL consegue capturar com muita precisão os aspectos tridimensionais de sua articulação.

⁶ Falamos em sinal padrão considerando as formas já dicionarizadas. Entretanto, sabemos que a libras, considerada língua nacional, é uma língua de sinais constituída por uma grande variedade de dialetos.

1.4 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Este trabalho está organizado da seguinte forma. O capítulo I destina-se a apresentar os componentes do trabalho de pesquisa, a justificativa do tema, a montagem do *corpus* e o método de transcrição dos dados; o capítulo II apresenta o panorama teórico baseado nos pressupostos gerativistas assumidos por nós para analisar o sistema linguístico que é objeto deste estudo – o sistema da libras; o capítulo III apresenta uma breve descrição de alguns aspectos gramaticais da libras e apresenta análises acerca da estrutura argumental de sintagmas nessa língua, com base na saturação dos predicadores encontrados nos dados da pesquisa. O capítulo IV apresenta análise dos dados frente à hipótese inatista de aquisição, avaliando as condições dos *inputs* dos três perfis de informantes estudados. E, nas considerações finais, fazemos uma síntese das conclusões a que este estudo nos levou.

2 PANORAMA TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 UM CAMINHO PARA INVESTIGAÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS COMO LÍNGUA NATURAL

Desde que se iniciaram os estudos sobre línguas de sinais, os pesquisadores partiram na defesa do status de língua natural para essas línguas. Acreditamos que, para sustentar essa tese, devemos buscar as propriedades das línguas naturais nas línguas de sinais. Se assumimos a concepção gerativista, devemos buscar as propriedades de línguas naturais identificadas por essa teoria. Pelo fato de o campo de estudos sobre línguas de sinais de modo geral e da libras em particular ainda não apresentar muitos trabalhos com amplas análises da estrutura frasal, optamos por investigar um aspecto básico, essencial, em nosso entender, às análises a respeito da estrutura gramatical de qualquer língua. Assim, este estudo se propõe a investigar a *estrutura argumental* dos sintagmas em libras, considerando que esta seja a propriedade basilar na estrutura hierárquica da sentença, conforme a perspectiva gerativista.

Para nortear essa investigação da estrutura argumental da libras, precisamos antes investigar a estrutura do sinal, vejamos por quê. Como já mencionamos, segundo Lessa-de-Oliveira (2012, p. 177), “na modalidade falada, o sinal pode corresponder a um item lexical, mas também pode corresponder a uma sentença inteira.” Vejamos um exemplo de Veloso (2010) citado por Lessa-de-Oliveira (2012, p. 177):⁷

(1) 

VEÍCULO (md)_ ULTRAPASSAR VEÍCULO(me)

‘Um carro ultrapassou outro carro.’

Sobre este exemplo comenta Veloso (2010, p. 60) que:

A mão direita (md) realiza o movimento que constitui a raiz verbal do sinal ULTRAPASSAR, enquanto a configuração da mão e sua orientação representam o argumento externo CARRO. A mão esquerda (me) representa o argumento interno CARRO e seu posicionamento⁸ em relação ao argumento externo.

⁷ A transcrição em escrita SEL foi acrescentada por Lessa-de-Oliveira (2012). Esta transcrição deixa evidente os elementos da unidade MLMov que utilizamos como critério para identificação do sinal por sua composição articulatória.

⁸ Posicionamento na articulação do sinal.

Explica Lessa-de-Oliveira (2012) que é possível observar claramente nesse exemplo a ocorrência simultânea da raiz verbal e seus argumentos, que se aglutinam num único sinal. Este tipo de estrutura é favorecido, conforme esta autora, pelo contexto tridimensional de sua realização. A possibilidade de representar essa sentença por um único sinal em escrita SEL atesta o fato de que um único sinal pode representar uma sentença inteira em libras.

Aprofundando a discussão, Lessa-de-Oliveira (2012) aponta o que ela chama, com base em Felipe (2006), de *processos miméticos* como aspecto responsável pelo fenômeno que acabamos de exemplificar, isto é, a ocorrência de um “sinal sentencial”. Segundo Felipe (2006), a libras, assim como outras línguas de sinais, podem introduzir a mímica juntamente com a estrutura frasal, representando mimeticamente um objeto, uma qualidade de um objeto, um estado, um processo ou uma ação. Para esta autora (2006, p. 206), “o processo mimético transforma a mímica em uma forma linguística que representa iconicamente o referente a partir dos parâmetros de configuração sígnica e da sintaxe da língua.” Esclarece Felipe (2006, p. 206) que “na verdade, não se faz a mímica simplesmente, esta é incorporada pela língua e se estrutura a partir dos parâmetros de cada língua de sinais, como as onomatopéias nas línguas oral-auditivas”.

Observa Lessa-de-Oliveira (2012) que a presença desses processos miméticos em libras é tão forte que se verifica alteração na realização de alguns sinais em certos contextos, configurando um tipo de variação ocasional. Vejamos um exemplo apresentado pela autora (2012, p. 162):⁹

(2) OVO(me md) DEPOIS(me md) OVO(me md) NASCER_{OVO}(me md)
ABRIR_{TAMPA}(me md) PINTO(md) PEQUENO(md) AMARELO(md).

‘Do ovo que, depois de um tempo, abriu-se, nasceu um pequeno pinto amarelo.’

Explica Lessa-de-Oliveira (2012) que, como o sinal OVO padrão em libras representa a imagem de um ovo sendo quebrado ao meio, deixando clara e gema cair,¹⁰ o informante surdo que realizou a sentença acima, optou por “não quebrar o ovo” na realização deste sinal, uma vez que ele contava a história de um pintinho que nasceria deste ovo. Em lugar disso,

⁹ Nessa notação, a palavra subscrita indica especificidades do sinal, como em NASCER_{OVO}.

¹⁰ O sinal OVO padrão em libras é realizado com a junção das pontas dos dedos das mãos esquerda e direita configuradas em *gancho*, seguida de um movimento simultâneo em curva para baixo à esquerda pela mão esquerda e à direita pela mão direita.

este informante juntou ao sinal OVO, realizado pela metade (apenas com a junção das duas mãos configuradas em *gancho* (ver figura 1a), ao sinal TEMPO DECORRIDO, alterando seu ponto de articulação do rosto para junto à mão de base (ver figura 1b).¹¹ Em seguida, este informante coloca novamente a mão direita configurada em *gancho*, juntando as pontas dos dedos aos da mão esquerda, que permaneceu imóvel todo o tempo (ver figura 1c).

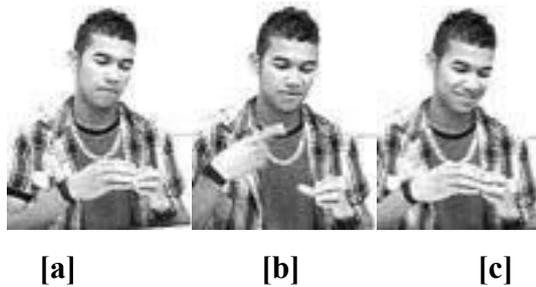


Figura 1: Alteração ocasional do sinal OVO¹²

Além de observar esse fenômeno na realização de sinais, Lessa-de-Oliveira (2012) observa ocorrência de alteração ocasional também na estrutura de sentenças. Vejamos o seguinte exemplo apresentado pela autora (2012, p. 161):

(3) _____
 (3) LEBRE (me) _____ APROXIMAR_ QUASE_ ALCANÇAR TARTARUGA(md).

‘A lebre, que se aproximava da tartaruga, quase a alcançou.’

(4) TARTARUGA (md) VENCER (md).

‘A tartaruga venceu.’

Segundo a autora, em (3) um único sinal aglutinou: os verbos *aproximar* e *alcançar*; os argumentos externos e internos desses verbos, que são os mesmos, respectivamente a lebre e a tartaruga, representados pelas mãos esquerda e direita; e também o adjunto *quase*. Vejamos as figuras abaixo aprestadas pela autora:

¹¹ O sinal TEMPO DECORRIDO padrão é realizado da seguinte forma: com a mão principal configurada em *Zê* faz-se um movimento circular em frente ao rosto.

¹² Figura coletada em Lessa-de-Oliveira (2012, p. 163).



Figura 2: Alteração ocasional de sentença (3)¹³

Conforme explicação da autora, o informante primeiro avança a mão direita (figura 2a), depois ele aproxima a esquerda da direita (figuras 2b, 2c e 2d), com as pontas dos dedos equiparando-se por um instante (figura 2d) e, por fim, avança a mão direita pouco à frente da outra (figura 2e), na hora em que a realização deste sinal se encerra. As raízes verbais de *aproximar* e *alcançar* ocorrem amalgamadas, como se verifica nos movimentos congelados nas figuras 2b e 2c.¹⁴ O adjunto *quase* é identificado pelo curto espaço de tempo em que os dedos ficaram equiparados (figura 2d).

Esses fenômenos, que começam a ser tratados na literatura como processos miméticos ou imagéticos, são muito comuns em línguas de sinais. Assim, a investigação da estrutura argumental de uma língua de sinais exige que consideremos a existência destes processos miméticos, bem como o fato de o sinal representar não apenas uma palavra, mas também sentenças inteiras. Considerando este aspecto, iniciaremos nosso estudo da estrutura argumental da libras partindo da investigação da estrutura interna do sinal.

Identifica-se em libras uma fonologia¹⁵ específica diferente da fonologia das línguas orais. A fonologia básica das línguas de sinais foi descrita primeiramente por Stokoe (1960). Este pesquisador, procurando descrever a ASL (*American SignLanguage*), propôs um esquema de análise linguística baseado em três elementos básicos, hoje denominados

¹³ Figura coletada por Lessa-de-Oliveira (2012, p. 161)

¹⁴ Conforme o dicionário de Lira e Felipe (2001) o sinal APROXIMAR em libras ocorre da seguinte forma: com uma das mãos à frente configurada em *dê*, palma para frente, braço estendido, e a outra mão também configurada em *dê*, palma para frente, posicionada mais atrás, faz-se um movimento retilíneo para frente aproximando, sem equiparar, a mão principal da mão de base; e o sinal ALCANÇAR ocorre: com uma das mãos à frente configurada em *dê*, palma para frente, braço estendido, e a outra mão também configurada em *dê*, palma para frente, posicionada mais atrás, faz-se um semicírculo para frente e para baixo, equiparando as duas mãos. (descrição nossa, uma vez que o dicionário em libras sinalizado).

¹⁵ Inicialmente Stokoe (1960) propôs os termos Quirema e Quirologia para o estudo das línguas de sinais tomando como base ASL. Os Quiremas seriam as unidades mínimas na composição do sinal (configuração de mão, Locação e movimento). Já o estudo do conjunto recebeu o nome Quirologia numa referência a conversa com as mãos. Entretanto, achou-se conveniente utilizar os mesmos termos empregados nos estudos de línguas orais, já que se tratava do mesmo módulo – fonema, fonologia.

parâmetros,¹⁶ que isolados não significam nada, mas em conjunto com outros elementos formam o que é conhecido como “sinal”, elemento de base, que corresponde ao signo linguístico na comunicação em línguas de sinais.

Os parâmetros descritos por Stokoe (1960) foram *configuração de mão* (CM), *locação de mão* (L) e *movimento de mão* (M0). A estes parâmetros foram acrescentados posteriormente por Battison (1974, 1978) *direção de mão* (DA), *expressão facial* (EF), tratados também como *marcações não manuais* (NM), e *orientação de palma*, que Barros (2007) trata como um morfema importante para a morfologia da libras.¹⁷

Lessa-de-Oliveira (2012), concluindo que os seis segmentos, acima mencionados, comumente referidos na literatura especializada, não correspondem à totalidade dos traços articulatórios de línguas de sinais, chega, a partir de suas análises, aos seguintes traços: três *planos* de realização do movimento (denominados por ela de planos *frontal*, *transversal* e *sagital*), três *eixos* de posição da mão (denominados por ela de eixos *superior*, *anterior* e *lateral*) *movimento de dedos* e *pontos de toque*. Lessa-de-Oliveira (2012) constrói sistema de escrita SEL (Sistema de Escrita para Libras) tomando esses segmentos e mais os seis acima referidos como traços articulatórios dos sinais.

O trabalho de Stokoe (1960) teve um valor significativo para o momento, uma vez que suas pesquisas deram início ao campo disciplinar das línguas de sinais. Com o andamento das pesquisas outros aspectos foram acrescidos, como os mencionados acima. Dentre esses avanços destacamos a análise de Lessa-de-Oliveira (2012), na qual a pesquisadora chega ao que ela considera *a unidade básica* da constituição articulatória dos sinais. Segundo esta autora, os parâmetros são apenas traços que formam segmentos superiores de três tipos distintos, os quais a autora denomina macrossegmentos. São eles: *Mão*(M), *Locação*(L) e *Movimento*(Mov.)¹⁸, e cada um desses macrossegmentos apresenta traços tridimensionais peculiares. Esses macrossegmentos formam, conforme a autora, as unidades MLMov¹⁹, as quais compõem os sinais. Ainda conforme a autora, a maioria dos sinais são formados por uma única unidade MLMov, ocorrendo mais raramente sinais formados por duas ou três

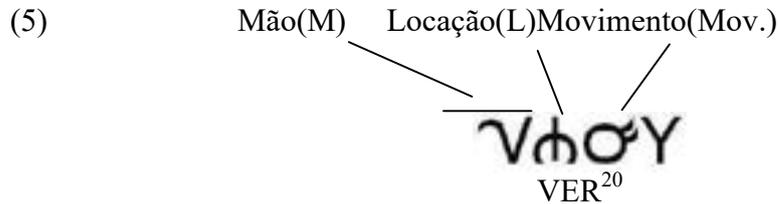
¹⁶ O termo “parâmetro” neste caso nada tem a ver com o termo parâmetro empregado dentro dos estudos gerativista.

¹⁷ Não assumimos a análise, dessa autora, de que este parâmetro seja um morfema, pois não vemos evidência suficiente para essa análise.

¹⁸ Esses traços podem ser, em princípio, serem equiparados aos propostos por Stokoe (1960). Entretanto, na concepção são diferentes porque representam um feixe de traços.

¹⁹ Nesta pesquisa, usaremos a seguinte nomenclatura para referência aos morfemas da libras: (M) de Configuração de mão, (L) Locação ou Ponto de articulação e (Mov) Movimento.

dessas unidades. Vejamos um exemplo da unidade MLMov representada pelo sistema SEL, apresentado por Lessa-de-Oliveira (2012, p. 166):



Aqui temos a descrição de um sinal em que o macrossegmento *mão* (M) é representado por dois caracteres, sendo o primeiro o de configuração de mão em *vê*, seguido do caractere de eixo *anterior e palma para baixo*; o (L) é representado pelo caractere *olho*; e o macrossegmento movimento (Mov) é representado pelo último caractere como *movimento retilíneo para frente*.²¹

Todos os sinais são possíveis de ser representados pela escrita SEL. Assim, a utilização da escrita SEL na transcrição de dados facilita a análise da estrutura desta língua, uma vez que resguarda os dados, como já foi explicado, da interferência da estrutura de outra língua, como ocorreria se a opção aqui fosse por fazer análise a partir de glosas do português apenas.

Esse tipo de transcrição resguarda os dados, sobretudo em relação aos seguintes aspectos. No trabalho de transcrição, nos deparamos com a impossibilidade de definir a categoria gramatical do sinal, em primeira mão, porque a libras vem mostrando ser uma língua que não apresenta marcas morfológicas definidoras de morfemas verbais, nominais, adjetivais etc. Por exemplo, diante de um sinal como CRESC(ER) isolado, fica difícil saber se trata do verbo *crescer*; do nome *crescimento*, ou do adjetivo *crescido*. Considerando o fato de que esse sinal pode aparecer junto com processos miméticos, como o descrito acima, ou junto com a mímica propriamente dita, que também é recorrente em línguas de sinais, fica realmente complicado identificar a categoria gramatical dos sinais em diversos contextos, uma vez que ainda não descobrimos quais são os mecanismos gramaticais que estabelecem essas categorias em línguas desse tipo.

Diante destas questões para proceder à análise proposta, o caminho a seguir foi investigar a estrutura argumental a partir da identificação da relação de predicação entre dois ou mais sinais. Para isso, nos valem do conceito de unidades MLMov para identificar as

²⁰ O sinal VER realiza-se com a mão configurada em *vê*, palma em posição anterior para baixo, fazendo-se um movimento retilíneo para frente a partir do olho.

²¹ Mão dominante é aquela que realiza o movimento, podendo ser a direita ou esquerda.

execuções gestuais que podiam ser consideradas sinais, separando-as dos processos miméticos (envolvendo aglutinação ou modificação ocasional de sinais) ou da mímica propriamente dita.

Temos ainda outra questão relevante a considerar. De acordo com Prado e Lessa-de-Oliveira (2012), certos elementos dêiticos próprios de línguas de sinais, tratados pelas autoras como *Localizadores* (Locs.), podem funcionar como argumentos de raízes lexicais em estruturas sentenciais. Esses elementos dêiticos, que marcam referentes reais ou imaginários no espaço físico da enunciação, podem ser articulados ou não-articulados, conforme as autoras. Vejamos exemplos de Prado e Lessa-de-Oliveira (2012 p. 49):

- (6) LOC_{MULHER} MULHER COZINHAR AMASSAR_{MASSA} COLOCAR_{MUUDOS/CESTA}
 ‘A mãe de Chapeuzinho Vermelho cozinhou, preparou pão e arrumou na cesta, ’

- (7) MUDAR_{CESTA(de lugar)} COBRIR_{CESTA} PEGAR_{CESTA}
 ‘mudou a cesta de lugar, cobriu e pegou a cesta.’

- (8) DEPOIS Loc_{CHAPEUZINHO} ENTREGAR_{CESTA}
 ‘(...) depois entregou a cesta para Chapeuzinho Vermelho. ’

Comentam as autoras que, neste exemplo, os verbos MUDAR_{CESTA DE LUGAR}, COBRIR_{CESTA} e PEGAR_{CESTA} têm seus objetos identificados pelo referente imaginário, fixados num ponto do espaço por Localizadores não-articulados, ou seja, explicam as autoras que esses verbos são realizados no ponto do espaço onde se construiu o referente imaginário *cesta*.

Para autores como Liddell (2003), Moreira (2007), os verbos indicadores, de línguas de sinais, têm a capacidade de realizar dêixis. Bellugi e Klima (1982) chegam a identificar os pontos marcados no espaço (os Localizadores) como a base da concordância verbal na língua americana de sinais. Um exemplo desse tipo de verbo em libras é o verbo *entregar* no exemplo acima. Explicam Prado e Lessa-de-Oliveira (2012, p. 51) que, na realização do verbo ENTREGAR_{CESTA}, neste exemplo, “é feito um sinal de apontação à direita, isto é, realiza-se o

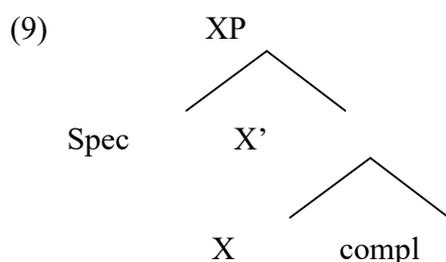
Loc.CHAPEUZINHO antes do verbo e, em seguida, é realizado um movimento do ponto onde está o Loc.CESTA ao ponto do Loc.CHAPEUZINHO, significando que a cesta foi entregue a Chapeuzinho.” Assim, temos como *tema* o constituinte *cesta*, e como *alvo* o constituinte *Chapeuzinho*.

Todos estes aspectos são considerados em nossas análises, a fim de verificarmos diferentes possibilidades de constituição da estrutura argumental na língua brasileira de sinais.

2.2 O OBJETO DE ESTUDO FRENTE AOS PRESSUPOSTOS GERATIVISTAS BÁSICOS DA ESTRUTURA ARGUMENTAL

A sentença em qualquer língua é composta por constituintes que se relacionam de modo hierárquico, partindo da composição de constituintes menores para constituintes maiores, chegando ao constituinte que é o axioma da sintaxe: a sentença (MIOTO, 2004, p. 46). A teoria gerativa faz uma discussão de como representar em módulos um constituinte através da Teoria X-barras. Esta teoria pode ser aplicada a todas as línguas naturais, para representar os constituintes. Nesta perspectiva é comum recorrer à variável X que assume seu valor dependendo da categoria do núcleo pertencente. Se for um nome o valor de X será N; se for um verbo, será um V; se for uma preposição será um P e assim segue. Este núcleo X (categoria mínima) vai determinar as relações internas aos constituintes marcados em dois níveis: o nível X' (nível intermediário) e o nível XP (nível sintagmático) (cf. MIOTO, 2004).

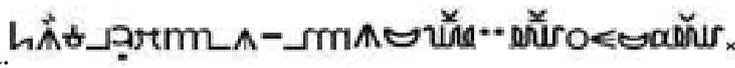
Nas projeções intermediárias, o núcleo pode estar relacionado com os complementos (Compl.) e na projeção máxima pode estar relacionado com um especificador (Spec.), conforme a representação abaixo.



Qualquer falante natural de uma língua é capaz de produzir sentenças gramaticais²², assim também é com os falantes da Libras, assumindo que essa seja uma língua natural. Tendo esta natureza, as sentenças produzidas por eles podem ser analisadas por instrumentos teóricos linguísticos, fazendo-se o detalhamento dos seus constituintes e identificando as relações gramaticais estabelecidas nos enunciados produzidos por estes falantes.

Explica Raposo (1992) que os argumentos de um predicador verbal é equivalente ao sujeito e aos complementos subcategorizados pelo predicador. Ao estabelecer sentido, estabelecem-se tipos de relações semânticas entre o predicador particular e seus argumentos; essas relações semânticas são chamadas de papéis temáticos. Os papéis temáticos são, portanto, funções semânticas associadas aos argumentos de um predicador, segundo o sentido específico do predicador.

Como nosso foco de análise é a libras, é importante termos em mente a ideia de que esta apresenta uma característica espacial, como mencionado acima, em que os seus elementos frasais são realizados no espaço físico e as suas relações sintáticas estabelecidas pela marcação de pontos neste espaço: direção do corpo, do movimento inerente ao sinal etc. Além disso, para investigar a estrutura sintagmática da libras, precisamos estar atentos para o fato de que a categoria lexical do sinal não está evidente. Vejamos alguns exemplos:

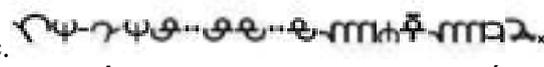
(10) a. 
 Loc.AQUI TER COMIDA BOA

‘Aqui tem comida boa.’

b. 
 HOMEMCRESCIDO PINTO COMER

‘(Para ficar) homem crescido o pinto come.’ (literalmente) ou

‘(Para ficar) adulto o pinto come.’

c. 
 BEBÊ CRESCER JÁ

²² Sentenças consideradas gramaticais são aquelas formadas pelo falante nativo de uma determinada língua baseadas na sua gramática internalizada, um conjunto de regras que rege a distribuição dos itens na sentença. Segundo Miotto (2004), o que permite a um falante decidir se uma sentença é gramatical é o conhecimento que ele tem da sua língua, através da competência linguística.

‘O bebê já cresceu.’²³

d.

Loc._{PINTO}PINTO ANDAR BEM

‘Estepinto caminha bem.’

Como é possível observar, nesses exemplos, o sinal

apresenta esta mesma forma para o nome *comida* (10a) e para o verbo *comer* (10b). O

mesmo se observa com o sinal , que apresenta, nesses exemplos, esta mesma forma

para o adjetivo *crescido* (10b) e para o verbo *crescer* (10c). Enquanto em (10a) o sinal

é o adjetivo bom, em (10d) este sinal é o advérbio *bem*, mantendo esta mesma forma.

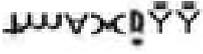
Certamente existe um sistema nessa língua que estabelece as categorias lexicais, que as coloca em relação sintática através de um sistema de marcação de caso, o qual torna os papéis temáticos visíveis e a sentença perfeitamente compreensível, como ocorre com qualquer língua natural. O que acontece é que ainda não deciframos esse sistema, não sabemos a que tipologia de língua a libras pertence. Assim, no trabalho de investigação dos aspectos gramaticais devemos estar atentos para o fato de que a categoria lexical e demais aspectos gramaticais não estão evidentes nos dados. A sentença (11) abaixo é um exemplo de enunciado em libras em que observamos que os elementos gramaticais não estão tão evidentes. As interpretações (11a) e (11b) são equivalentes em termos de valor de verdade, mas não são equivalentes em termos de estrutura gramatical.

(11)
 ANDAR_{PINTO}PINTO LEGAL BOM PINTO

(a) ‘O caminhar do pinto está legal, é um bom pinto.’

(b) ‘O pinto caminha bem, o pinto está bem.’

²³ O traço de “tempo pretérito” é capitado na interpretação deste exemplo pelo advérbio “já”.

Como o sinal  apresenta essa forma indistintamente para diferentes categorias, não está evidente se neste exemplo estamos diante de um *nome* ou de um *verbo*. Pelo mesmo motivo, a análise da categoria sintática dos sinais  (LEGAL/BOM) e   (BOM) neste exemplo como adjetivo ou advérbio não está clara, sobretudo porque, em libras, construções como essas podem dispensar a realização (explícita) de verbo de ligação.

Essas observações encaminham a nossa investigação a começar pelas relações argumentais, que partem das propriedades dos itens lexicais. De acordo com Chomsky e Lasnik (1995), o léxico é o repositório de todas as propriedades dos itens lexicais. Com base nessa perspectiva, a representação da forma fonológica de cada item, a especificação de sua categoria sintática e suas características semânticas são determinadas por essas propriedades. Dessa forma, assume Chomsky e Lasnik (1995) que as propriedades de seleção semântica e sintática dos itens lexicais especificam a “estrutura argumental” de um núcleo, indicando quantos argumentos o núcleo licencia e que funções semânticas cada um deles recebe.

Em Chomsky (1965), as condições de subcategorização e seleção desempenhavam um papel central na construção da estrutura argumental. Na Teoria de Princípios e Parâmetros, conforme Chomsky e Lasnik (1995), concebe-se a subcategorização praticamente como uma consequência quase completa de especificação de funções- θ . Assim, para receber uma função- θ particular, os traços semânticos inerentes de um argumento têm de ser compatíveis com essa função.

Essa análise traz reflexos para a questão da aquisição. Para Pesetsky (1982), os primitivos da seleção- θ (os papéis temáticos), e não os da seleção-c (as categorias sintáticas), podem ser usados pela criança para construir uma análise preliminar, pré-linguística, a partir de uma amostra de dados do input, no processo de aquisição de uma língua. Nesta perspectiva, os efeitos da subcategorização são derivados das propriedades semânticas.

Segundo Chomsky e Lasnik (1995) esta proposta de Pesetsky não é conclusiva. Perguntam eles se, antes de a criança saber algo acerca da sintaxe de sua língua, para além daquilo que traz a GU (Gramática Universal), poderá ela determinar que porção da frase constitui “o agente”? Além disso, a evidência à disposição da criança consiste provavelmente em frases. Assim, as entradas lexicais contêm, na opinião de Chomsky e Lasnik (1995), pelo menos alguma informação sintática, para além das informações fonológica e semântica.

De acordo com a proposta gerativa, a língua-I consiste de um léxico, mas também de um sistema computacional. O sistema computacional se constitui em níveis de representação.

No Programa Minimalista (PM), permanecem apenas os níveis Forma Fonética (PF) e Forma Lógica (LF), os quais se compõem como indicadores sintagmáticos, por sua vez formados de elementos atômicos primitivos²⁴. Segundo Chomsky e Lasnik (1995, p. 75), cada elemento primitivo é um complexo de traços, conforme se representa em (12) para as categorias: verbo (V), nome (N), adjetivo (A), pre- e posposição (P). Explicam os autores que o traço [+N] é o do substantivo tradicional e o traço [+V], o do predicado.

- (12) a. N = [+N, -V]
 b. V = [-N, +V]
 c. A = [+N, +V]
 d. P = [-N, -V]

Considerando a inexistência de pistas morfológicas que possam nos indicar a categoria dos itens lexicais da libras, optamos, neste estudo, por identificar essas categorias por suas relações sintáticas dentro das estrutura argumental. Fazemos uma análise, em primeira instância, que se limita a marcar os níveis mínimo (X^0), intermediário (X') e máximo (XP) da estrutura sintagmática, considerando os núcleos lexicais apenas, uma vez que o nosso foco central é a estrutura argumental.

Queremos com essa análise nos limitar, como já dissemos, aos traços formais *de argumento* e *predicador*, procurando capturar com isso, sobretudo, as propriedades de *predicador* (como atribuidor de papéis temáticos) e de *argumento* (como constituinte ligado a um referente no mundo extralinguístico), presentes nos sinais considerados como itens lexicais.

2.3 O OBJETO DE ESTUDO FRENTE A UMA TEORIA DOS PAPÉIS TEMÁTICOS

A teoria dos papéis temáticos é amplamente aceita entre os linguistas, podendo ser compreendida como uma forma de analisar a estrutura argumental de núcleos predicadores, como os verbos, sob o aspecto de funções semânticas associadas a argumentos, “que lhe completam o sentido, convertendo o predicador numa expressão semanticamente completa (ou saturada, para empregar um termo proposto pelo lógico alemão Gottlieb Frege)” (RAPOSO, 1992, p. 275).

²⁴ Segundo Chomsky e Lasnik (1995), são primitivos porque são não decomponíveis, embora sejam constituídos de traços.

Sabemos que, em princípio, todas as categorias lexicais (Nome (N), verbo (V), Preposição (P), Adjetivo (A) e Advérbio (Adv)) pressupõem a capacidade de selecionar argumentos, mas os verbos e os adjetivos seriam os predicadores por excelência, como afirma Raposo (1992). Quanto à condição de argumento, “para que uma categoria possa estabelecer uma relação semântica com um predicador (...), é necessário que tenha um *potencial de referência*, isto é, que possa servir para designar entidades (...) ou situações (...) do universo discursivo” (RAPOSO, 1992, p. 279).

Dentro dos pressupostos gerativistas, predicadores e argumentos se organizam como estrutura hierárquica em que dois ou mais elementos se agrupam para formar um constituinte de nível hierárquico superior que os inclui. Assim ocorre sucessivamente, formando sintagmas. Dessa forma, vemos que a valência semântica está na base da estrutura das sentenças de línguas naturais.

Conforme nos informa Raposo (1992), na gramática gerativa há dois trabalhos centrais sobre funções semânticas e o papel que desempenham na análise sintática, o de Fillmore (1968) e o de Jackendoff (1972). Este último autor propõe um esquema conceptual abstrato com um número finito de funções- θ (funções temáticas), cuja função principal é a de *tema* (ou *paciente*)²⁵ atribuída ao DP que representa o argumento que sofre o movimento ou troca (argumentos de verbos de movimento), localização (argumentos de verbos de localização) e mudança de estado ou mudança exterior (argumentos de verbos incoativos e causativos, respectivamente). Jackendoff (1972) propõe ainda as funções temáticas de *locativo*, para verbos que designam localização; *fonte* e *alvo*, atribuídas pelos verbos de movimento aos pontos de partida e chegada do movimento; e *agente*, desempenhada por um DP com traços de animacidade e intencionalidade, cuja vontade é responsável pela ação verbal.

Raposo (1992) desenvolve seu trabalho com base nessas funções- θ e em outras adaptadas de Fillmore (1968) que são: *experienciador*, que seria a entidade afetada psicologicamente ou fonte de um processo ou estado psicológico; *causa*, relacionada à força ou objeto inanimados envolvidos como causa no processo verbal; *instrumento*, correspondente ao objeto auxiliar com que um agente pratica a ação designada pelo verbo; e *Dativo*, atribuída à entidade afetada (não psicologicamente), que se subdivide em *Benefactivo* ou *Malefactivo*.

²⁵ Segundo Van Valin Jr. (2001) há uma diferença entre os papéis tema e paciente. Paciente ocorre tipicamente com verbos como: *kill, smash, break, crush, wash, destroy* (matar, esmagar, quebrar, esmagar, lavar e destruir); e tema com verbos como: *put, place, give, send* e *buy* (colocar, efetuar, dar, enviar e comprar).

Em Chomsky (1986), as noções de argumentos interno e externo se relacionam diretamente com o predicador. Os adjuntos são compreendidos em termos de inclusão de constituintes. Em outras palavras, enquanto um argumento é um constituinte incluído na projeção máxima do núcleo com o qual este se relaciona, um adjunto é um constituinte que está apenas contido na projeção máxima de um núcleo. No âmbito da estruturação sintática, é necessário informações acerca dos predicadores, qual o número de argumentos exigidos para se tornarem saturados. Para a gramática gerativa estas informações estão no léxico, ao qual o falante tem acesso ao adquirir uma língua.²⁶

É preciso deixar claro, entretanto, que relações gramaticais são independentes de relações semânticas, conforme explica Van Valin Jr, (2001). É o que ocorre, por exemplo, entre as estruturas de voz. Esse autor mostra através de exemplos do Malagasy, língua falada em Madagascar, que o *sujeito* e o *objeto direto* da voz ativa podem apresentar as relações semânticas de *agente* e *paciente*, respectivamente (exemplo (13a) abaixo); entretanto, na voz passiva, temos um sujeito com papel semântico de *paciente* (exemplo (13b)). Explica o autor que o verbo *sasan* ‘lavar’ em Malagasy (de ordem básica VOS) pode ter um terceiro argumento, *nysavony* ‘o sabão’. Esse constituinte não teria a função de sujeito, de objeto direto nem de objeto indireto em (14a), e seria marcado com a preposição *amin* ‘com’. Seu papel semântico é de *instrumento*. Em uma estrutura de voz distinta da ativa e da passiva, isto é, na voz circunstancial, este constituinte assume a função de sujeito (exemplo 14b).

(13)a. Nanasany lamba nyvehivavy.

washedtheclothesthewoman

‘The woman washed the clothes.’

b. Nosasan-nyvehivavynylamba.

was.washed-the woman the clothes

‘The clothes were washed by the woman.’

²⁶Há quem questione essa identificação de *argumentos como complementos*, opondo-se *argumentos a adjuntos*. Para Caçado (2009) argumento pode ser definido como uma noção semântica, que envolve a atribuição de papéis temáticos, e os complementos e os adjuntos, como noções sintáticas, que envolvem a posição estrutural e a atribuição de casos. Conforme a autora, além de os argumentos estabelecerem uma relação semântico-lexical e serem associados à posição de sujeito e complemento, também podem assumir a posição de adjunto. Assim, a autora propõe que os argumentos não se limitam às posições de sujeito e de complemento, pois complemento e adjunto seriam relações que se estabelecem na sintaxe, obedecendo a posições e a funções estabelecidas pela estruturação sintática de uma determinada língua.

(14) a. Manasanylamba Amin-nysavonynyvehivavy.
washes the clothes with the soap the woman
'The woman washes the clothes with the soap.'

b. Anasan-nyvehivavynylambanysavony.
be.washed.with-the woman the clothes the soap
'The soap is washed the clothes with by the woman.' (literal)
or 'The soap is used by the woman to wash the clothes.'

(VAN VALIN Jr., 2001, p. 22-23)²⁷

Outro aspecto citado por Van Valin Jr. (2001) pelo qual constatamos independência entre relações semânticas e gramaticais é o *caso*. Em línguas como o português, o papel de *agente* ocorre com caso nominativo, em constituinte que exerce a função de sujeito, em exemplos como (15).

(15) O pai corta madeira.

Conforme Van Valin Jr. (2001), no exemplo apresentado em (16) abaixo, o sujeito do verbo *cul* 'cortar' em Avar (língua falada no Caucasus na Rússia) apresenta caso ergativo. Informa o autor também que todos os verbos de percepção e cognição em Avar têm seus argumentos de percepção e cognição no caso locativo (exemplo (16b)) e todos os verbos dessa língua que têm o significado geral de "gostar" ou "querer" etc. têm o sujeito no caso dativo (exemplo (16c)).²⁸

(16) a. Inssu-ccacul-ø qot-ula.
Father-ERG Wood-ABS chop-PRE
'The father chops Wood.'

²⁷ (13a) 'A mulher lavou a roupa.'

(13b) 'As roupas foram lavadas pela mulher.'

(14a) 'A mulher lava as roupas com o sabão.'

(14b) 'O sabão é usado pela mulher para lavar a roupa.'

²⁸ (16a) 'O pai corta madeira.'

(16b) 'O pai viu a criança.'

(16c) 'O pai ama o filho.'

b. Inssu-da limer-ø wix-ana
 father-LOC child-ABS see-PAST
 ‘The father saw the child.’

c. Inssu-jelimer-ø bok’-ula
 father-DAT child-ABS Love-PRES
 ‘The father loves the child.’

(VAN VALIN Jr., 2001, p. 26)

Segundo Van Valin Jr. (2001) a expressão de argumentos experienciadores por caso dativo não pode ser considerada uma propriedade de línguas ‘exóticas’. Esta propriedade ocorre também em línguas indo-europeias como o Espanhol, o Alemão e o Croata. Vejamos exemplos citados pelo autor.²⁹

(17) a. Te gusta-ø lamusic-amodern-a?
 2sgDAT like-3sgPRES the.Fsg music-Fsg modern-Fsg
 ‘Do you like modern music?’

b. Nos interesa-nlasteorí-aslingüístic-as.
 1plDAT interest-3plPRES the.Fpl theory-Fpllinguidtic-Fpl
 ‘We are interested in linguistic theories.’

(18) a. Der Vorschlaggefäll-t mir.
 The.MsgNOMsuggestion please-3sgPRES 1sgDAT
 ‘I like the suggestion.’ or ‘The suggestion is pleasing to me.’

a'. Ich mag denVorschlag.
 1sgNOM like.PRESthe.MsgACC suggestion

²⁹ (17a) ‘Você gosta de música moderna?’

(17b) ‘Estamos interessados emteorias linguísticas.’

(18a) ‘Eu gosto da sugestão.’ ou ‘A sugestão é agradávelpara mim.’

(18a') ‘Eu gosto dasugestão.’

(18b) ‘Eu estou com frio.’ ou ‘eu sinto frio.’

(19a) ‘Sandra ama Zagreb’

(19b) ‘As mulherestêm vergonha.’

‘I like the suggestion.’

b. Mir istkalt.
 1sgDAT be.3sgPRES cold
 ‘I’m cold.’ or ‘I feel cold.’

(19) a. Sandr-i se sviđ-a Zagreb-ø.
 Sandra-FsgDAT REFL please-3sg Zagreb-MsgNOM
 ‘Sandra likes Zagreb’

b. Žen-ama jeneugodn-o.
 Woman-FplDAT be.3sg uncomfortable-Nsg
 ‘The women are embarrassed’

(VAN VALIN Jr., 2001, p. 26)

Essa discussão nos mostra que as relações semânticas estabelecidas pelos papéis temáticos que os predicadores atribuem aos seus argumentos são expressas por diferentes sistemas, ocasionando diferentes tipos de línguas. Assim, num estudo como este, que se propõem a investigar uma língua de sinais tão pouco descrita, precisamos considerar que os elementos que definem o sistema gramatical dessa língua não estão evidentes, sendo precipitado a analisarmos, de antemão, como analisamos outras línguas de tipologia conhecida. Ainda é obscuro, nos estudos sobre línguas de sinais, o funcionamento do sistema de casos, a existência ou não de morfologia derivacional e flexional correlacionadas às categorias lexicais, entre outros aspectos.

Assim, partimos aqui para um estudo a partir do ponto que nos parece o começo, cuidando para ficar livres de análises presas às estruturas gramaticais de tipos linguísticos conhecidos. Basicamente, procuraremos identificar de que forma se dá a ligação entre predicadores e argumentos em libras, a partir das relações semânticas que se estabelecem entre esses elementos. Nesta análise, de natureza preliminar, não buscamos levantar questões que dizem respeito à seleção categorial, nos concentramos nas relações semânticas entre predicador e argumento, procurando identificar como se dá a saturação de predicadores nesse tipo de língua.

3 ESTRUTURA ARGUMENTAL EM LIBRAS

3.1 BREVE DESCRIÇÃO DE ALGUNS ASPECTOS OBSERVADOS NA LIBRAS

Conforme metodologia aqui assumida, nosso ponto de partida para a descrição e análise dos elementos constitutivos da estrutura da libras é a unidade MLMov, proposta por Lessa-de-Oliveira (2012). Assim, procuramos, inicialmente, segmentar as unidades encontradas em enunciados no *corpus* deste estudo, identificando-as por sua constituição articulatória dentro do padrão MLMov. Depois procuramos identificar o conteúdo semântico dessas unidades em contextos específicos, para verificar qual o papel destas na composição dos itens lexicais.

Como já dissemos, segundo Lessa-de-Oliveira (2012), a maioria dos sinais são formados por uma única unidade MLMov, ocorrendo mais raramente sinais formados por duas ou três dessas unidades. Encontramos na libras dois tipos de sinais formados por uma unidade MLMov. Comparemos o exemplo (1a) com os exemplos (1b) e (1c).

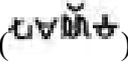
(1) a. 
ESTUDAR

b. 
QUATRO TIPOS

c. 
QUATRO TIPOS DIFERENTES

No exemplo (1a) temos uma unidade MLMov que comporta uma raiz semântica. Já nos exemplos (1b) e (1c) temos uma unidade MLMov que comporta mais de uma raiz semântica. Parte do macrosegmento “Mão”, a parte que corresponde à mão de base, realiza o sinal correspondente ao algarismo quatro (³⁰). O restante dos elementos da unidade não representam nada isoladamente. Já com o sinal em (1c) ocorre algo um pouco diferente, o sinal

³⁰ Escrito de forma invertida porque é realizado com a mão de base.

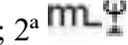
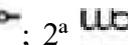
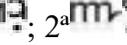
correspondente ao algarismo quatro é realizado com a mão de base, enquanto a mão principal realiza, conjuntamente e associado ao sinal QUATRO, a outra parte deste sinal () que isoladamente corresponde ao sinal DIFERENTE. Associados esses dois sinais formam uma única unidade MLMov de “duas mãos”, assim como é de “duas mãos” também o exemplo (1a).

Quanto aos sinais constituídos por mais de uma unidade MLMov, encontramos três tipos desses sinais.

(2) a. 
BOLO

b. 
ONÇA

c. 
ESCOLA

No sinal BOLO em (2a), encontramos três unidades MLMov – 1^a.  ; 2^a  –  ; 3^a  – que não significam nada sozinhas. Já o sinal ONÇA, em (2b), se compõe de duas unidades MLMov – 1^a  ; 2^a  . A primeira unidade deste sinal, isoladamente, corresponde ao sinal LEÃO (ou FELINO) e a segunda unidade não corresponde a nenhum sinal, isoladamente. Iconicamente, verificamos a caracterização de manchas redondas no corpo na segunda unidade, que nos leva a ler o sinal ao “pé da letra” como “felino com manchas redondas pelo corpo”. Quanto ao exemplo em (2c), as duas unidades – 1^a  ; 2^a  – que o compõem correspondem a outros sinais isoladamente. A primeira é o sinal CASA e a segunda o sinal ESTUDO ou ESTUDAR.

É curioso verificar o peso semântico que tem a segunda unidade do item ONÇA na composição do sinal, embora ela não seja um sinal isoladamente. Um outro exemplo deste

tipo é o sinal  (MÃE), formado por duas unidades: 1ª  ; 2ª 

. A primeira unidade isoladamente é o sinal MULHER. A segunda unidade iconicamente passa a clara ideia de “bênção”, uma vez que reproduz a imagem da mão sendo beijada tal qual fazem os católicos quando pedem a bênção aos pais, representando MÃE, literalmente,

como *a mulher que abençoa*. O mesmo ocorre com o sinal pai (), que pode ser interpretado literalmente como *o homem que abençoa*. Entretanto, há outra forma articulada de maneira diferente (com as mãos abrindo-se para baixo) que representa o sinal BÊNÇÃO ou

ABENÇOAR – 

O sinal ZEBRA () não se enquadra, por nossa análise, no tipo (2c), embora sua segunda unidade isoladamente se articule como um sinal conhecido. As unidades

MLMov deste sinal são: 1ª  ; 2ª . A primeira unidade sozinha corresponde ao sinal CAVALO e a segunda unidade é idêntica ao sinal PIJAMA. Embora isso ocorra, classificamos este sinal como do tipo (2b) porque o significado do sinal PIJAMA não participa da composição do sinal ZEBRA, diferentemente do que ocorre com o sinal ESCOLA, em que a composição *casa+estudose* dá pela composição dos significados de dois sinais, literalmente, *a casa de estudo*.

Podemos dizer que sinais do tipo (2c) são um composto de duas raízes, isto é, corresponde a um único item lexical. Isto se atesta pelos exemplos em (3) abaixo, que

mostram que não é possível mudar a ordem das duas unidades do sinal  (ESCOLA), (3a), e não é possível intercalar esse sinal com um outro, (3b).

(3)a. 

IR ESTUDAR CASA

‘≠ vou para a escola; = vou estudar em casa’

b. 

CASA BOM ESTUDO

possibilidade de mudança da ordem entre os sinais do constituinte

(BEBÊ) (CINDERELA). Mas também é possível a ocorrência de sentenças sem o verbo de ligação como (9c). Esta sentença pode corresponder a (9b) ou a (9d). A distinção entre essas estruturas carece de maior investigação. O mesmo ocorre com o modificador antes de BEBÊ, como no exemplo (9e).

- (9) a. BEBÊ CINDERELA SER INOCENTE

‘O bebê Cinderela é inocente.’

- b. CINDERELABEBÊSER INOCENTE

‘Cinderela bebê é inocente.’

- c. CINDERELA BEBÊ INOCENTE

‘Cinderela bebê é inocente.’ ou
 ‘Cinderela é bebê inocente.’

- d. CINDERELA SER BEBÊ INOCENTE

‘Cinderela é bebê inocente.’

- e. CINDERELA BONITO BEBÊ

‘Cinderela é um bonito bebê.’

‘Cinderela bonita é um bebê.’

Além de verbos de ligação encontramos em libras verbos auxiliares em construções como o exemplo (9), coletado do *corpus*.

- (10)
 IR HISTÓRIA Loc.-LIVRO NARRAR

‘Vou narrar uma história desse livro.’

Quanto à ordem encontramos exemplos, como (11) abaixo, em que são gramaticais a ordem SV (11a) e VS (11b).

- (11) a.
 MÃE MORRER
 ‘A mãe morre.’
- b.
 MORRER MÃE

‘A mãe morre.’

Já em exemplos como (12a), cujo verbo é transitivo com um objeto que recebe o papel de *paciente* e outro de *benefactivo*, verificamos que a sentença é gramatical com o objeto *paciente* anteposto ao verbo (12a) e agramatical se este objeto for colocado após o verbo (12b) e (12c).

- (12) a.
 FLOR ENVIAR VOCÊ

‘Enviei uma flor para você’

- b.*
 ENVIAR FLOR VOCÊ

‘Enviei uma flor para você’

c.* ENVIAR VOCÊ FLOR

‘Enviei uma flor para você’

Considerando a dimensão espacial da sintaxe de línguas de sinais, podemos levantar a hipótese de que isto tem a ver com a necessidade de os referentes estarem presentes antes da execução de verbos desse tipo.

Em exemplos como(13) também verificamos a necessidade da presença do referente durante a execução do verbo.

(13) a.* BEBÊ CINDERELA BRUXA ADOTAR
 ‘A bruxa adotou o bebê Cinderela.’

b. BEBÊ CINDERELA BRUXALoc.BEBÊADOTAR

‘A bruxa adotou o bebê Cinderela.’

O exemplo em (13a), que apresenta a ordem OSV, representa uma articulação linear dessa sentença, em que os sinais BEBÊ CINDERELA se desfazem para dar lugar aos próximos sinais na sequência da sentença. Articulada dessa maneira, esta sentença fica agramatical; mas, se articulada de forma a deixar o sinal BEBÊ permanecer (realizado com uma mão) enquanto os demais sinais são realizados, havendo a retomada deste referente com a apontação para este por meio do Loc.BEBÊ (), a sentença torna-se gramatical (13b). Existe a possibilidade de a ordem em (13b) ser SOV com BEBÊ CINDERELA como tópico.

Em exemplos como (14) verificamos gramaticalidade nas ordens SOV(13a) e SVO (14b), mas não na ordem OVS (14c).

(14) a. BRUXA BEBÊ CINDERELA ADOTAR
 ‘A bruxa adota o bebê Cinderela.’

b.
 BRUXA ADOTAR BEBÊ CINDERELA

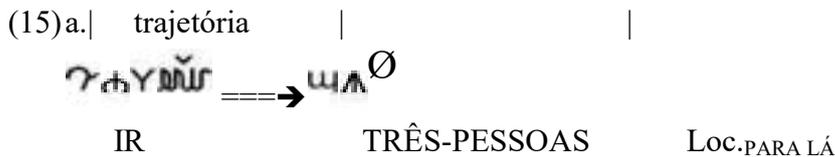
‘A bruxa adota o bebê Cinderela.’

c.*
 BEBÊ CINDERELA ADOTAR BRUXA

‘A bruxa adota o bebê Cinderela.’

(Gramatical para o significado: ‘o bebê Cinderela adota a bruxa.’)

A sintaxe espacial torna especialmente difícil o estabelecimento da ordem em exemplos como (15) abaixo, em que encontramos o sujeito e predicado da sentença realizados ao mesmo tempo. Neste exemplo, retirado de nosso *corpus*, observamos que a mão esquerda, configurada em dáblio e no eixo superior/palma para trás (), corresponde ao argumento externo (as três pessoas) do verbo “ir” representado pelo movimento retilíneo da mão direita em direção à mão esquerda. O argumento com papel *alvo* é um ponto à frente da mão de esquerda, ponto para onde as pessoas irão.³²



³²Alguns autores têm assumido uma hipótese segundo a qual a estrutura temática *fonte-alvo* estaria ligada à trajetória do movimento de certos sinais, denominando tal relação de ‘concordância’ e incluindo tal movimento numa suposta ‘morfologia de concordância’. Segundo Quadros e Quer (2010, p.34), “a realização morfológica da concordância é entendida como movimento entre dois pontos associados com argumentos de dois verbos.” Para Fischer (1973) *apud* Quadros e Quer (2010) a concordância morfológica é realizada pela trajetória do movimento e/ou orientação da palma e a concordância espacial é uma relação locativa com pontos no espaço. Explicam Quadros e Quer (2010, p. 35) que “estes pontos representam o ponto inicial e o ponto final de um movimento, eles são interpretados como argumentos locativos de verbos de movimento (FONTE-ALVO)”. Os autores apresentam como exemplo desse tipo o verbo ‘ir’ em libras. Já para Kegl (1985) e Meir (2002) *apud* Quadros e Quer (2010), a concordância *fonte-alvo* se dá tanto com verbos de concordância de pessoa como com verbos espaciais. Entretanto, no dado em (15) observamos que o verbo ‘ir’ (classificado como espacial conforme a classificação de Fischer (1973) e Padden (1990) *apud* Quadros e Quer (2010)) apresenta uma trajetória de movimento diferente dessa descrição. Neste exemplo, o ponto inicial da trajetória não é o argumento *fonte* e o ponto final não é exatamente o argumento *alvo*. Essa trajetória (realizada pela mão direita -) parte de um ponto espacial qualquer anterior à mão esquerda - (argumento *fonte*), se movimenta () na direção da mão esquerda como se a empurrasse, dando a entender que “as três pessoas foram para adiante”, para um ponto além deles (Loc.PARA-LÁ), isto é, o *alvo* é um ponto qualquer posterior ao argumento *fonte*, mas a trajetória do movimento não liga os pontos *fonte* e *alvo*.

‘ A bruxa manda fazer o serviço doméstico.’

3.2 A SATURAÇÃO DE PREDICADORES

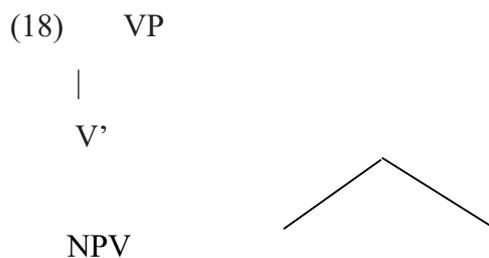
Como já foi explanado, procuramos identificar, nos dados, um *núcleo predador semântico* pela relação temática estabelecida entre este e seus *argumentos*, sempre lembrando que o sinal e por extensão a frase, em libras, são estruturados no espaço tridimensional. Assim, como ainda não foram verificadas marcas morfológicas nos sinais que caracterizem categorias gramaticais, nos referimos a elas, em primeira instância, procurando identificá-las no contexto sintático.

Em outras palavras, a análise dos elementos linguísticos dos dados da pesquisa em questão procede com base no mapeamento de núcleos predadores, que são os sinais carentes de saturação semântica. Quanto aos argumentos, estes são todos os sinais capazes de saturar os predadores. Incluímos na estrutura argumental argumentos circunstanciais previstos pela estrutura temática de um predador (cf. VAN VALIN Jr., 2001).

Nos dados analisados verificamos quatro possibilidades de saturação de núcleos predadores: saturação por sinais lexicais, saturação por categorias vazias, saturação por localizadores (Locs.) e autossaturação. Os três últimos tipos constituem-se a partir da condição tridimensional da libras.

Ao analisar os dados dos três perfis de informantes, encontramos os quatro tipos de possibilidades de saturação citadas acima.

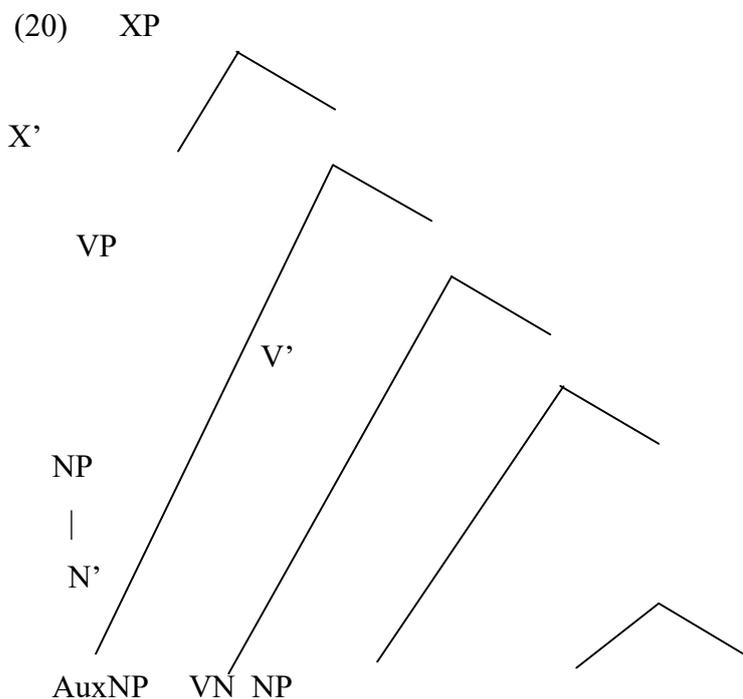
- a) *Saturação por sinais lexicais* - Esta ocorre quando cada um dos argumentos corresponde a um sinal com a composição MLMov, isto é, um item formado por uma ou mais dessas unidades.³³



³³ A posição de núcleo e argumento na notação que fizemos é aleatória.

(19)corresponder ao DP“a adoção do bebê Cinderela pela bruxa”. Entretanto, como este sintagma não está sendo selecionado como argumento de outro predicador, descartamos esta possibilidade, atribuindo ao sinal  (ADOT(AR))a categoria de predicador verbal.

- b) *Saturação por Localizadores (Locs.)* – Este tipo de saturação ocorre quando o argumento se realiza como um ponto no espaço físico que corresponde a um referente real ou imaginário. Conforme Prado e Lessa-de-Oliveira (2012), os Locs. podem ser articulados ou não articulados. Se articulado, este se realiza por meio de um *sinal de apontação*; se não articulado, este se realiza pela *direção do olhar, giro de corpo ou direção do movimento para o ponto Localizador*. Os Locs. nãoarticulados aparecem em nossa notação como \emptyset (com a glosa Loc.), porque de fato não são realizados como um sinal. Entretanto, não o consideramos como uma categoria vazia da natureza das demais, porque elas são realizadas da forma que citamos acima.³⁴

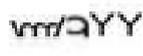


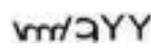


³⁴Pelo fato de os Locs. fazerem essa retomada de referentes já mencionados, alguns autores tratam esses elementos como dêiticos-anafóricos. Prado e Lessa-de-Oliveira (2012) defendem, entretanto, que o que estes elementos fazem é coesão textual através da dêixis. Segundo as autoras, os Locs. não se ligam a referentes no discurso, se ligam diretamente a referentes no espaço físico, por isso o processo, neste caso, compreende apenas a dêixis.

(IR) Loc.EU NARRAR HISTÓRIA Loc.LIVRO

‘Vou contar uma história deste livro’³⁵

Este tipo de predicação, *saturação por Locs.*, é realizada de modo que a direcionalidade no espaço físico (efeito da tridimensionalidade e do uso dos Localizadores) estabeleça a concatenação argumental. O predicador admite uma característica espacial em que seus argumentos são definidos como pontos no espaço físico indicados pela trajetória do movimento do verbo, como ocorre no exemplo (20). Encontramos neste exemplo os dois tipos de Locs., o articulado e o não articulado. O articulado é o sinal , que foi selecionado pelo predicador  (HISTÓRIA), o qual, pelo contexto sintático, pode ser analisado como um predicador nominal. Já o Loc. não articulado (Loc.EU), este foi selecionado como argumento externo pelo predicador  (NARRAR), um predicador verbal pelo que o contexto indica até mesmo pela marca de tempo futuro expressa pelo auxiliar  (IR). Este predicador atribui ao Loc.EU o papel de *agente*.

Este Loc.EU, que é uma categoria vazia por ser não realizado, aparentemente se aproxima de um *pro*³⁶ do tipo dos sujeitos nulos de línguas românicas. Segundo Prado e Lessa-de-Oliveira (2012), esta categoria vazia corresponde, na verdade, a um Loc. de primeira pessoa porque o próprio corpo do enunciador, e também o do enunciatário, são tomados como um dos pontos de marcação no espaço da enunciação em libras. O sinal  (narrar, avisar, informar, dizer), neste exemplo, é do tipo “verbo direcional”, apontado na literatura como um verbo que faz seu movimento partindo do referente sujeito e chegando ao referente objeto. Se o referente sujeito é o enunciador, a categoria vazia na posição de sujeito é identificada como “eu”, se é a pessoa com quem se fala será “você” e, se é uma terceira

³⁵ A ordem que esta sentença apresenta nos dados é:

IR HISTÓRIA Loc.LIVRO NARRAR

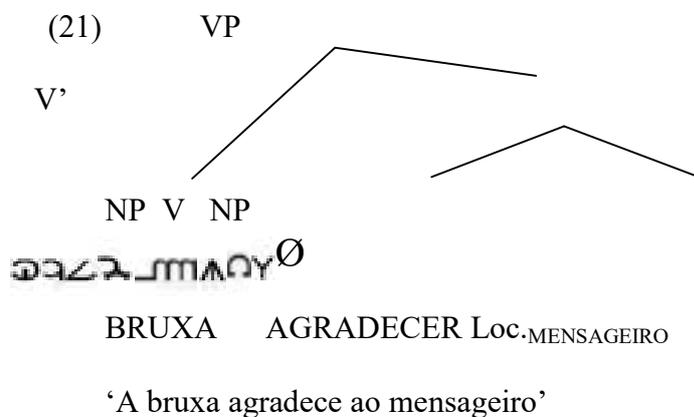
‘Vou contar uma história deste livro.’

A ordem apresentada em (20) é agramatical, conforme teste realizado com os nossos informantes surdos.

³⁶ De acordo com Rizzi (1986), a categoria vazia *pro* é identificada através dos traços- ϕ presentes em [+AGR] ou no V. Chomsky e Lasnik (1995) apresentaram uma proposta estabelecendo traços para essas duas categorias: PRO [+pronome, +anáfora] e pro [+pronome, -anáfora]. Mediante a verificação de diferenças entre o comportamento de PRO e o das anáforas, considerou-se que PRO é não regido e seu conteúdo é recuperado através da Teoria do Controle, de acordo com a qual PRO é necessariamente controlado por um NP da oração principal; não sofrendo esse controle PRO recebe interpretação arbitrária.

pessoa (real ou Loc.)³⁷, o referente do sujeito é “ele”. Diferentemente do que ocorre com línguas orais, a identificação do sujeito não decorre de um paradigma que apresenta uma marca para cada pessoa. O que identifica a pessoa do sujeito e o objeto são os Locs. de onde o movimento parte e chega.³⁸

A presença de uma marca para identificar sujeito e objeto (dedo polegar apontado para o sujeito e dedo mínimo para o objeto) é característica específica desse sinal (NARR(AR)). Os outros sinais com a característica da direcionalidade não apresentam essa marca, como AGRADECER no exemplo abaixo.



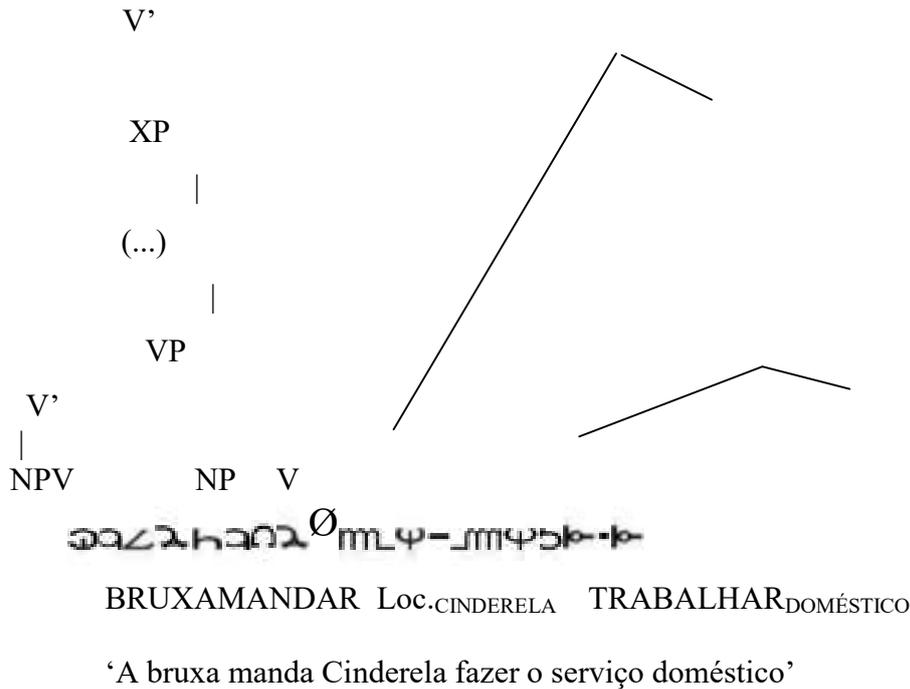
O predicador ‘agradecer’ é realizado também direcionalmente, ou seja, a realização completa do sinal é feita em uma direção específica, na direção de ‘quem recebe o agradecimento’, neste exemplo, a direção de onde vinha o mensageiro. O Loc.MENSAGEIRO se realiza, neste enunciado, pelo giro de corpo e direção do olhar.

No exemplo (22), temos um Loc. selecionado como argumento externo de trabalhar, mas que é alvo do movimento direcional do verbo MANDAR da matriz.

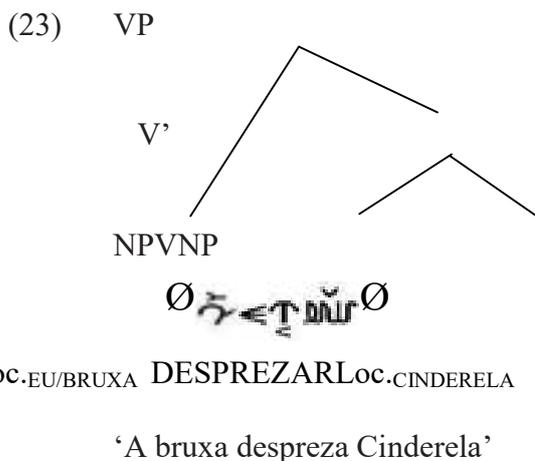


³⁷ As pessoas e objetos reais são referidas na libras por sinais de apontação. Se essas pessoas e objetos ou lugares não estão presentes no espaço físico da enunciação eles são representados por locs.

³⁸ Alguns autores têm tratado essa característica de movimento direcional de alguns sinais como sistema de concordância em línguas de sinais. Segundo Quadros e Karnopp (2004), verbos com concordância são verbos que flexionam em pessoa, número e aspecto, mas não incorporam afixos locativos. Exemplos dessa categoria são DAR, ENVIAR, RESPONDER, PERGUNTAR, DIZER, PROVOCAR, que são subdivididos em concordância pura e reversa (*backwards*). Os verbos com concordância apresentam a direcionalidade e a orientação. A direcionalidade está associada às relações semânticas (*source/goal*). A orientação da mão voltada para o objeto da sentença está associada à sintaxe, marcando Caso. Não assumimos essa análise, porque não verificamos a existência, em libras, de um paradigma flexional que contenha os traços de pessoa número e aspecto de forma sistemática e produtiva.



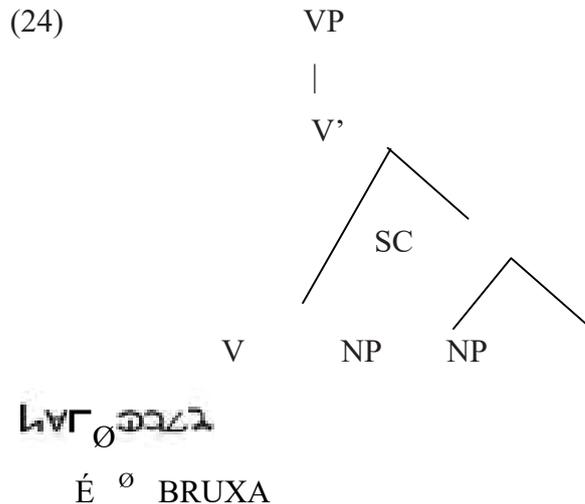
Também sinais não direcionais podem ser saturados por Locs. como DESPREZAR no exemplo abaixo, que seleciona como argumento interno o LOC.CINDERELA, atribuindo-lhe o papel de *tema*, e como argumento externo o Loc.EU/BRUXA³⁹, atribuindo-lhe o papel de *agente*. O Loc.EU/BRUXA é identificado como argumento externo pelo fato de a narradora da história assumir a voz da personagem “bruxa” através de um giro de corpo, realizando com isso uma narração em primeira pessoa. E o argumento interno é identificado como o Loc.CINDERELA pela direção do olhar.⁴⁰



³⁹ Este Loc. é identificado como EU/BRUXA porque se trata de uma narrativa cujo narrador é de primeira pessoa, isto é, as personagens assumem a voz do narrador. Algo freqüente nos dados.

⁴⁰ A direção do olhar não dá ao verbo a característica de verbo direcional. Esta característica é definida dentro da articulação do sinal, pelo movimento da mão.

- c) *Saturação por categorias vazias*–Neste tipo de saturação, o argumento não é preenchido por nenhum sinal articulado, nem se relaciona a algum ponto do espaço físico como os Locs.

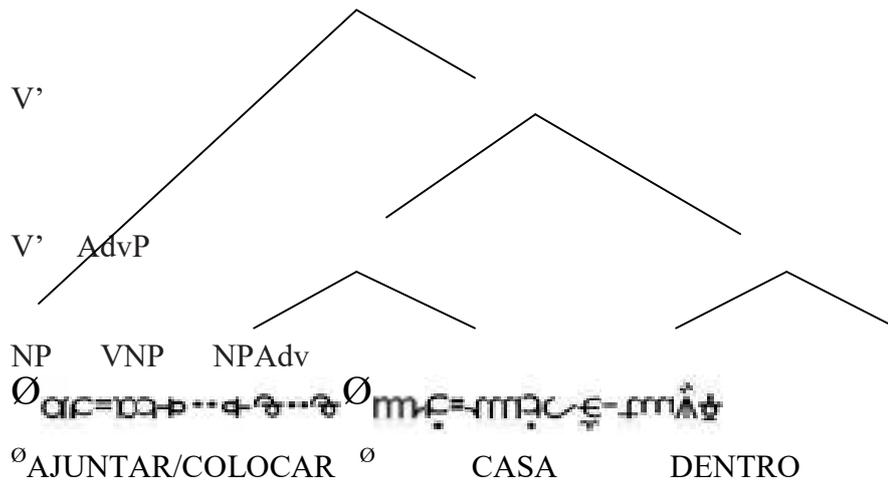


Este exemplo apresenta a *saturação por categoria vazia*, bastante frequente nos dados da pesquisa. Sabemos que o fenômeno das categorias vazias é dos mais intrigantes e fascinantes dentro dos estudos gerativistas. Conforme Chomsky (1981), este fenômeno reflete presumivelmente recursos internos à mente, uma vez que as propriedades dessas categorias dificilmente podem ser determinadas indutivamente através de fenômenos visíveis observáveis. Assim, mesmo apresentando peculiaridades em relação a essas categorias, a presença delas em línguas de sinais certamente refletem uma propriedade de línguas naturais.

Diferentemente do que ocorre com a saturação por Loc. não articulado, a categoria vazia em (24) não é indicada pela direção do verbo nem por recursos como “giro de corpo” ou “direção do olhar”. Trata-se realmente de uma categoria vazia semelhante à que ocorre em línguas românicas como sujeito nulo. Assim, acreditamos que essa categoria possa ser tratada como um *pro*. Não aprofundaremos esta questão aqui uma vez que nos limitamos às questões de predicação neste trabalho.

Outro tipo de categoria vazia encontrada nos dados pode ser considerado uma espécie de “nulo discursivamente identificado”. O enunciado em (25), composto de três sinais, pode ter a interpretação abaixo, analisando-se o sinal como verbo.

(25) VP

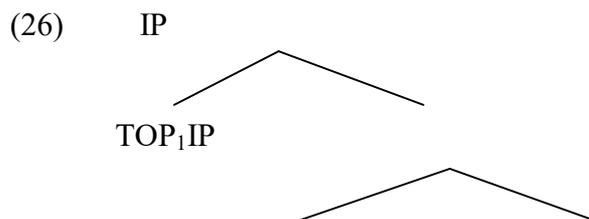


‘Ajuntaram-se dentro de casa’

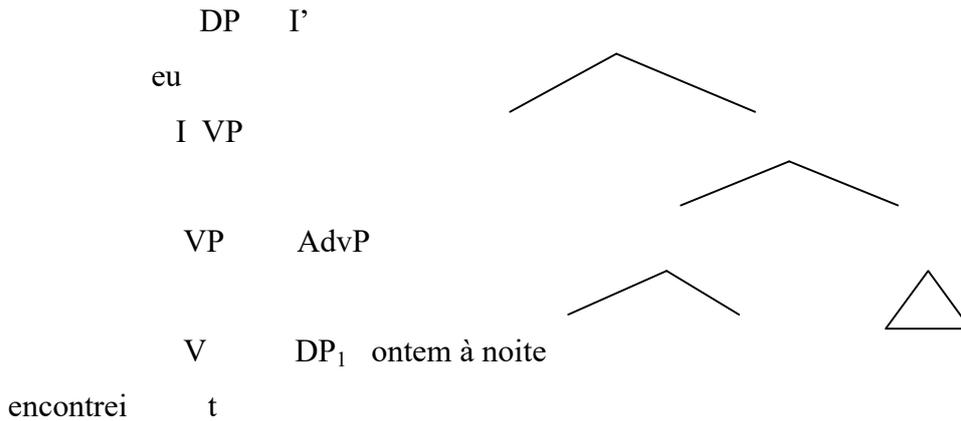
A interpretação deste sinal como categoria nominal (o *ajuntamento* de todos dentro de casa) ou adjetival (todos *juntos* dentro de casa) são descartadas porque este sintagma não foi selecionado como argumento por outro predicador nem ocupa esta posição de adjunto.

Curiosamente, o informante acrescentou um movimento a mais no sinal AJUNTAR, o movimento semicircular à direita, no plano frontal ()⁴¹. Tal movimento representa uma saturação locativa acrescentada ao verbo (ajuntou-se algo em algum lugar), fazendo-se uma aglutinação entre os sinais AJUNTAR e COLOCAR. Assim, temos um verbo que seleciona três argumentos. Dois desses argumentos, o externo e o interno que recebe o papel de *tema*, não aparecem nem articulados nem como Locs.

Raposo (1992), considerando o fenômeno dos “objetos nulos discursivamente identificados” explica que, se não dermos o contexto discursivo adequado, enunciados como “Encontrei ontem à noite.” ou “Eu vi ontem na TV.” são agramaticais, porque lhes falta o argumento interno direto obrigatoriamente selecionado pelos verbos dessas sentenças. Para não ferir o “Princípio da Projeção” e o Critério- \emptyset , Raposo (1986) propõe uma estrutura em que um tópico discursivo atribui valor semântico ao objeto.



⁴¹ O sinal ajuntar padrão é .

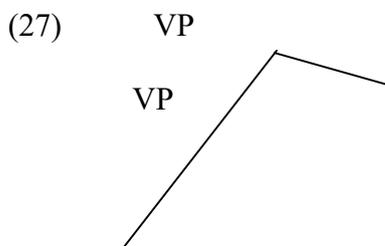


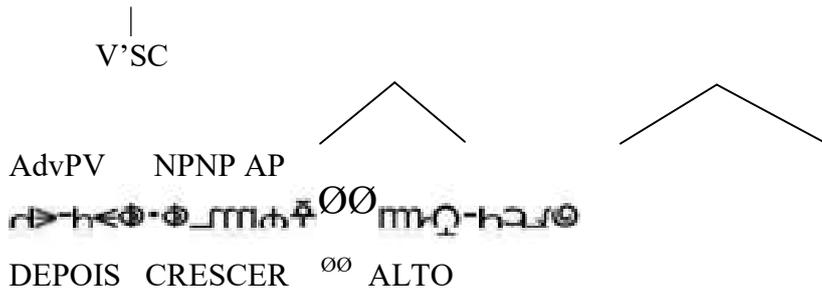
Raposo (1986) *apud* Raposo (1992, p. 341)

Podemos considerar essa possibilidade para analisar o argumento interno nulo do sinal AJUNTAR nesta sentença, isto é, o referente desta categoria vazia se constitui na relação com um tópico discursivo, pragmaticamente identificado, podendo essa categoria ser projetada e θ -marcada. Assim, a categoria vazia que é argumento interno do sinal AJUNTAR recebe o papel temático de *tema*, pois, tendo um referente, ainda que nulo, tem suporte para receber um papel temático. O sinal AJUNTAR atribui ainda o papel *delocativo* ao constituinte CASA DENTRO, que é o seu segundo argumento interno.

Até aqui conseguimos levantar possibilidades de análises que identificam nas categorias vazias da libras propriedades de categorias vazias de línguas orais. Mas tal conformidade não abrange todos os casos de categorias vazias encontrados nos dados. É o caso da outra categoria vazia (sem Loc.) do exemplo (24), que é o argumento externo do sinal AJUNTAR. Embora ocupe a posição de sujeito desta sentença, este constituinte não corresponde exatamente ao que é analisado como sujeito nulo de línguas românicas, uma vez que não há em libras uma morfologia verbal flexional que identifique a pessoa. Assim como o objeto tema, o sujeito de AJUNTAR em (25) é referenciado pragmaticamente. Dessa forma, podemos pensar na possibilidade de um tópico discursivo atribuir valor semântico também para a categoria vazia na posição de sujeito, em frases como (25).

Verificamos esse tipo de categoria vazia também em sujeitos de verbos inacusativos, como CRESCER, e em estruturas de predicativo adjetival, como ALTO, em (27) abaixo.

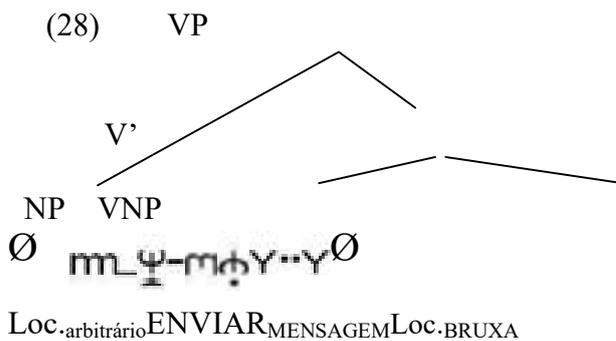




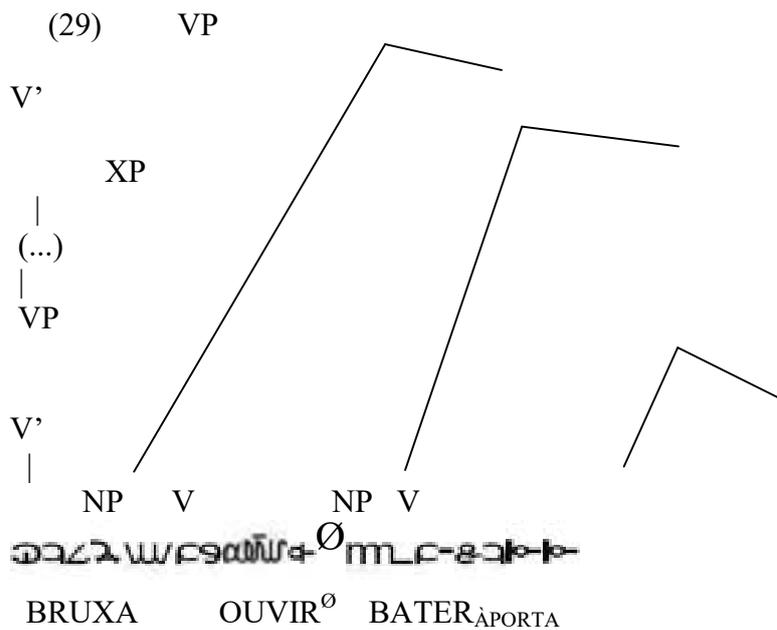
‘Depois Cinderela cresceu e ficou alta’

Na própria sentença não há argumento visível do predicador “crescer”, no entanto podemos deduzir que quem sofre o processo de crescer é a Cinderela Surda. Como a libras tem características tridimensionais, ou seja, o fato de se tratar de uma articulação e percepção não lineares, ou parcialmente não lineares, encontramos categorias vazias que parecem distintas das categorias de línguas orais, como as apresentadas em (27). É como se os referentes postos em cena continuassem presentes para os demais enunciados num contexto tridimensional.

- d) Autossaturação – Este tipo de saturação compreende a aglutinação de predicador e argumento interno ou externo em um único sinal, articulado como unidade MLMov.



‘Enviaram uma mensagem à bruxa’



‘A bruxa ouve baterem à porta’

Nos exemplos (28) e (29) encontramos autossaturação de argumento interno nos sinais ENVIAR_{MENSAGEM} e BATER_APORTA. Em ambos os casos o papel temático envolvido na autossaturação é o de *tema*. Este tipo de sentença *autossaturada* é um tipo de estruturação presente na libras, em que um predicador específico exige um argumento específico, ou seja, o sinal ~~mlc-8cl-1~~ só ocorre com sentido de ‘bater à porta’. ‘Bater’ no sentido de ‘surrar’ ou no sentido de ‘esbarrar’ ou ‘colidir’ etc. ocorre como outros sinais, com articulação completamente diferente. O predicador “bater” exige dois argumentos para ter seu sentido semântico saturado. Apenas o argumento externo é saturado por outro sinal, que pode ser nulo, como no exemplo (29).

Já no outro exemplo, temos: o Loc. no ponto inicial do movimento como *argumento externo*, com papel de *agente*; os macrosssegmentos ~~mão~~ – ~~ml-ψ~~ (configuração *mão*

4 AQUISIÇÃO DA FRASE EM LIBRAS

4.1 A HIPÓTESE INATISTA DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

A hipótese inatista é uma das mais fortes hipóteses a respeito do processo de aquisição da linguagem. Embora a essência desta ideia em si não seja nova, pois o inatismo encontra precursores em Descartes e em Platão, Chomsky pode ser considerado o pai desta hipótese, uma vez que foi ele quem a instrumentalizou, definindo a faculdade da linguagem como um módulo especializado da mente humana constituído por um conjunto finito de Princípios e Parâmetros.

A faculdade da linguagem possui o estado inicial ⁽⁴²⁾, geneticamente determinado; no decorrer normal do desenvolvimento, passa através de uma série de estados na primeira infância, alcançando um estado firme ⁽⁴³⁾ relativamente estável que sofre poucas alterações posteriores, com exceção do léxico. Numa primeira aproximação razoável, o estado inicial parece ser uniforme para espécie. Adaptando termos tradicionais a um uso especial, chamamos à teoria do estado inicial a Gramática Universal (GU). (CHOMSKY E LASNIK, 1995, 52).

Deste modo, como afirmam Chomsky e Lasnik (1995), o ser humano nasce com a faculdade da linguagem, no estado inicial comum a toda a espécie humana. Podemos acrescentar que se incluem aí também os indivíduos surdos. Sendo possuidor desta faculdade, o indivíduo marcará os princípios e os parâmetros da língua que está adquirindo.

Conforme a análise gerativista, a aquisição da linguagem se dá por meio de um processo seletivo de marcação paramétrica positiva ou negativa a partir de um *input*, e não de instrução. Assim, o dispositivo linguístico, que já nasce com o ser humano, possibilita as marcações de um número finito de parâmetros. De acordo com esse modelo, a aquisição de língua materna (L1) ou segunda língua (L2) consiste em fixar as formas lexicais da língua e atribuir ao parâmetro o valor admitido por essa língua, identificando se este é positivo ou negativo, pois a marcação paramétrica admite estas duas possibilidades.

Uma destas questões vem colaborar com a ideia do ‘estimulo pobre ou problema de Platão’. Este problema pode resumir-se em uma questão: “Como pode uma criança aprender tanto mesmo tendo acesso apenas a fragmentos de uma língua?” (cf. CHOMSKY, 1986). Uma resposta plausível para esta questão circunscreve-se ao fato de o ser humano nascer com

⁴² No original “initial state”

⁴³ No original “steady state”

a capacidade para desenvolver a linguagem mesmo em um ambiente de “pobreza de estímulo”.

Este argumento põe em questão a origem do conhecimento linguístico, pois tudo que o falante sabe sobre a língua que utiliza não teria como ter sido ensinado a ele, em uma fase tão precoce da vida. A resposta de Chomsky (1987, p. 15) para esta questão é "There are no rules at all, hence no necessity to learn rules" - Não existe regra, daí não existe a necessidade de aprendê-las.

O fenômeno da “pobreza de estímulo” é algo muito fácil de ser observado, quando consideramos a complexidade do sistema de qualquer das línguas naturais.

(...) as crianças adquirem uma língua quando ainda são muito novinhas, numa fase em que elas mal conseguem amarrar os sapatos ou desenhar em círculos. Ou seja, o processo de aquisição de linguagem, além de ser universal, é também rápido, uma vez que, por volta dos 4 anos de idade, quase toda a complexidade de uma língua é aprendida. (GROLLA. 2009, p. 03).

4.2 Os dados de aquisição

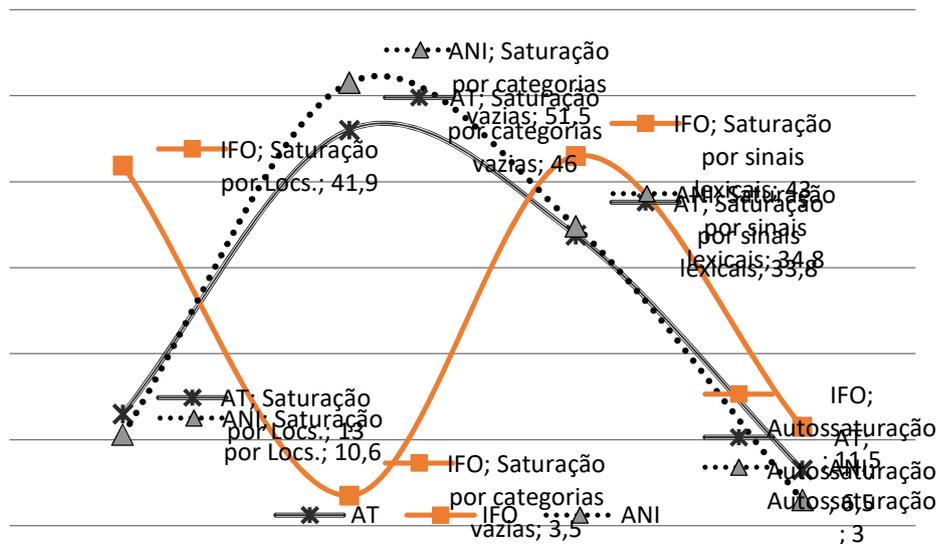
A hipótese inatista de aquisição da linguagem se coloca de forma interessante neste estudo quando consideramos um aspecto bastante peculiar ao grupo de informantes aqui estudados. Os *inputs* recebidos por esses três informantes são de naturezas diferentes. O sujeito informante ANI teve como *input* a fala de seus pais surdos, falantes nativos da libras. Já os informantes AT (aquisição tardia) e IFO (aquisição na infância de família ouvinte) tiveram como *input* ouvintes, falantes de libras como segunda língua (L2), além de seus colegas surdos. A nossa pergunta neste caso é: *a diferença na qualidade dos inputs recebidos pelos informantes pesquisados interferiu na libras adquirida?*

Procuraremos responder a esta questão comparando dados dos três informantes, de perfis diferentes, de duas maneiras: *quantitativamente*, confrontando a frequência dos quatro tipos de saturação que encontramos nos dados, mencionados no capítulo anterior; e *qualitativamente*, procurando verificar a presença de estruturas mais comuns em línguas orais.

Do ponto de vista quantitativo os dados apresentam o que mostra o gráfico a seguir:⁴⁴

⁴⁴ Planilha do gráfico

| | Saturação por Locs. | Saturação por categorias vazias | Saturação por sinais lexicais | Autossaturação |
|----|---------------------|---------------------------------|-------------------------------|----------------|
| AT | 13% | 46% | 33,8% | 6,5% |



Neste gráfico observamos que, embora haja uma diferença nos percentuais de frequência de cada tipo de saturação entre os três perfis de informantes, a curva de frequência é basicamente a mesma para dois dos perfis – ANI e AT. Lembremos que esses sujeitos informantes tiveram seus processos de aquisição seguindo por caminhos bastante diferentes: o informante ANI, de família surda, teve como *input* a libras como L1 de seus familiares, a que ele tinha acesso o tempo todo em casa; o informante AT, de família ouvinte, teve como *input* a libras como L2 da professora juntamente com a libras dos outros colegas surdos maiores e da mesma idade. Considerando ainda o fato de que este *input* era externo à sua casa e ele só teve acesso à libras a partir dos 8 anos de idade.

O gráfico mostra que, para estes dois informantes os tipos de sentenças com *autossaturação* e *saturação por locs.* têm a menor ocorrência respectivamente. Já a *saturação por sinal lexical* aparece como segundo mais frequente para esses dois informantes. E o tipo *saturação por categoria vazia* é que aparece como o tipo mais frequente para esses informantes. Esse dado quantitativo indica que o acesso a *inputs* de naturezas diferentes não implicou diferença na aquisição da libras com relação ao aspecto *saturação de predicadores*. Vale ressaltar que estes informantes estão numa mesma faixa etária, têm entre 17 e 18 anos de idade.

Quanto ao grupo IFO, o gráfico mostra semelhança aos outros dois sujeitos informantes em relação à *saturação por sinais lexicais* e em relação à *autossaturação*, com

| | | | | |
|-----|-------|-------|-------|-------|
| IFO | 41,9% | 3,5% | 43% | 11,5% |
| ANI | 10,6% | 51,5% | 34,8% | 3% |

índices um pouco mais altos. Mas mostra diferenças de IFO frente aos outros dois informantes em relação à *saturação por Locs.* e por *categorias vazias*. Atribuímos essa diferença ao fator idade. IFO se diferencia dos outros dois informantes em relação à idade, IFO está na faixa dos 12 anos de idade. Talvez por uma questão de um estilo mais infantil IFO optou por uma narrativa predominantemente em primeira pessoa, usando o próprio corpo para a “incorporação” das personagens, o que analisamos, com base em Prado e Lessa-de-Oliveira (2012), como Loc. não realizado. Diferentemente, os demais informantes optaram por narrar em terceira pessoa, no caso do informante ANI a narrativa foi predominantemente em terceira pessoa e com Loc. realizado.

Esses dados quantitativos respondem à pergunta acima negativamente, ou seja, não encontramos diferenças entre as libras faladas por esses três perfis de surdos que possam ser relacionadas à natureza diferenciada de seus *inputs* de aquisição da libras. Estes dados corroboram o que teoria gerativa apresenta como “Problema de Platão” ou “pobreza de estímulo”.

A "pobreza do estímulo", um dos mais importantes argumentos em prol do inatismo, vincula-se à metáfora do problema de Platão, ao qual, segundo o linguista, filiam-se as questões centrais relativas à linguagem. O problema de Platão coloca-se da seguinte maneira: como é que o ser humano pode saber tanto diante de evidências tão passageiras, enganosas e fragmentárias? (SCARPA, 2001).

De fato percebemos isto, os surdos que adquiriram tardiamente a libras, em ambiente externo ao lar, foram submetidos a um *input* fragmentado, com “sotaque”; no entanto, a libras do informante de AT pesquisado apresentou, com relação ao aspecto saturação de predicadores, a mesma característica da libras falada pelo informante de ANI, que teve o contato com um *input* no seio de uma família surda (pai e mãe surdos). Tal resultado corrobora fortemente a hipótese inatista porque se trata da aquisição de uma L1.⁴⁵ Ou seja, mesmo em condições adversas (em relação ao tipo do *input* e em relação ao fato de se ter uma aquisição após os 8 anos de idade), esses surdos se tornaram falantes nativos da libras.

Uma das hipóteses inatistas para a aquisição de segunda língua é a de “acesso indireto à GU”, isto é, os parâmetros da L1 servem de base para a L2. Assumindo esta hipótese para

⁴⁵ Estamos cientes das indagações em torno da natureza da forma de comunicação utilizada pelos surdos de famílias ouvintes, que não falam libras. Questiona-se se os familiares ouvintes e seus parentes surdos não desenvolvem algum dialeto doméstico ou pidgin antes de a criança ter acesso a uma língua de sinal. Não conhecemos nenhum estudo sério a este respeito. Apesar desta questão, estamos considerando que a libras é a L1 dos informantes aqui investigados com bases nas informações passadas por seus pais e pelos próprios surdos, que relatam que não se comunicavam com seus familiares e nem com ninguém, antes de aprenderem libras.

aquisição de L2, podemos considerar que, embora sejam línguas diferentes em termos de articulação (a L1 oroauditiva e a L2 gestovisual), marcas de língua oral podem ter aparecido na libras L2 que serviu de *input* para os informantes AT e IFO, juntamente a libras dos colegas surdos. Assim, passaremos agora a analisar os dados, qualitativamente, buscando estruturas semelhantes às estruturas do português.

Existe na área de línguas de sinais certo preconceito em relação a estruturas semelhantes, em determinados aspectos, às de línguas orais. No Brasil, costuma-se rotular essas estruturas de “português sinalizado”, embora não se tenha uma análise de bases científicas sobre esta questão. Como as amostras aqui analisadas foram coletadas de forma não controlada experimentalmente e de falantes surdos que têm a libras como sua L1, acreditamos serem as sentenças encontradas em seus dados portadoras de aspectos do funcionamento natural da libras. Estudá-los, sem tabus, é importante para a compreensão do funcionamento da língua, pois o papel do linguista é analisar o dado linguístico sem a pretensão de normatização ou de enquadrá-lo neste ou naquele “modelo” de língua.

A seguir apresentaremos alguns exemplos, encontrados nos dados, de aspectos correspondentes ao que se encontra em línguas orais, mas que são considerados, por alguns, estruturas que não devem ser realizadas em uma libras “pura”. Entretanto, sabemos que a libras, como outras línguas de sinais, vem apresentando uma variedade de tipos de estruturas na sua realização, como este trabalho procurou mostrar no que diz respeito à saturação de predicadores. Como citados anteriormente, é possível encontrar no material analisado, frases: lineares, saturadas por itens lexicais, frases com uso de localizadores, saturadas por locs., frases saturadas por categorias vazias, e frases autossaturadas. Além disso, não podemos deixar de considerar também o fato de a libras ser uma língua que apresenta um grande número de dialetos.

Nas frases saturadas por Locs., por categorias vazias e autossaturadas encontramos características bastante peculiares às línguas de sinais ligadas ao aspecto da tridimensionalidade de sua articulação espacial. Mas, além destes tipos de formação de constituintes, encontramos nos dados ocorrências de verbos de ligação (SER) e (ANDAR), tanto em dados do informante de AT, que teve acesso a um *input* de L2, como em dados de informante de ANI, cujo *input* foi a libras de seus pais surdos. Logo, concluímos que estas estruturas funcionam na libras, não são “português sinalizado” como se costuma dizer.

a) Informante de AT (aquisição tardia):

- (1) (1) CINDERELASURDA É BEBÊ INOCENTE

‘A cinderela surda é um bebê inocente’

- b) Informante de ANI (aquisição natural na infância):

- (2) (2) Loc. ISTO É O QUE

‘Isto aqui é o que?’

- (3) (3) EXIBIR_{FOTO} É BRUXA

‘Exibirei fotografias. É a bruxa.’

- c) Informante de IFO (aquisição na infância, de família ouvinte):

- (4) Loc. CINDERELA (4) CINDERELAAND(AR) ANGUSTIAD(A)

‘Cinderela anda angustiada.’

Outro aspecto correspondente ao que comumente se encontra em línguas orais encontrado em nossos dados, que gostaríamos de chamar a atenção, foi uma ocorrência de verbo auxiliar (IR) coletada nos dados do informante ANI.

- (5)

(IR) HISTÓRIA Loc.LIVRO NARR(AR)

‘Vou narrar uma história desse livro.’

Tanto a ocorrência de verbos de ligação, ou copulativos, como de verbos auxiliares evidenciam a atuação de categorias funcionais na estrutura da libras. Assim, a identificação desses elementos em dados de falantes surdos (de família ouvinte e de família surda, indistintamente), que têm essa língua como primeira língua, é evidência de estruturação linguística natural, pois as línguas naturais se compõem de categorias lexicais e funcionais, conforme a teoria gerativa.

Enfim, como foi possível verificar, a partir da análise dos dados da nossa pesquisa, percebemos características variadas na estrutura sintática da libras, apresentando frases com características peculiares a uma articulação tridimensional na sua realização, como a ocorrência da saturação por Locs. eautossaturação. Mas, por outro lado, verificamos também ocorrências de frases sequenciais, lineares (saturadas por itens lexicais). Assim, é arriscado caracterizar a língua em uma direção, desprezando as ocorrências consideradas “não integrantes” da libras, apenas pelo fato de se aproximarem de estruturas de línguas orais. Este não é o papel do linguista, ao contrário, é nossa função em nossas pesquisas descrever o que os dados mostram. E, conforme os dados aqui estudados, não se observou diferença quantitativa nem qualitativa entre a libras de surdos de família ouvinte e a libras de surdos de família surda.

4.3 O PERÍODO CRÍTICO

Partindo do pressuposto de que a aquisição da linguagem parte de uma faculdade inata, ela teria um período crítico para a marcação paramétrica, conforme o que é proposto dentro da hipótese inatista de aquisição da linguagem. Entendendo período crítico como o período em que a aquisição da linguagem acontece de modo favorável, indo do nascimento até os 6 anos, esta hipótese considera que após este período a aquisição da linguagem seria comprometida, principalmente se se trata da L1.

Entretanto, quanto à delimitação da idade, não há consenso entre os pesquisadores. O que se sabe é que na primeira infância os processos de aquisição da linguagem são mais favoráveis como afirma na citação a seguir.

Em suma, a aquisição de uma linguagem normal é certa para crianças até 6 anos, fica comprometido a partir dessa idade até pouco depois da puberdade,

e é rara depois disso. Alterações maturativas do cérebro, tais como declínio da atividade metabólica e do número de neurônios durante o início da vida escolar, e a estagnação no nível mais baixo do número de sinapses e da atividade metabólica por volta da puberdade são causas plausíveis. Sabemos que os circuitos de aprendizagem da linguagem do cérebro são mais plásticos na infância. (...) (PINKER, 2002. p.374)

Lennenberg (1976) *apud* Quadros (2008) também compreende que a aquisição de uma primeira língua é mais fácil da infância a puberdade.

Admitir a existência do período crítico ou período sensível à aquisição da linguagem é compreender que o processo de aquisição tem um período da vida em que acontece de modo consistente, o acesso a GU é total. Esse período é chamado de crítico porque seria aquele mais sensível à aquisição da linguagem. O cérebro humano inicialmente tem representação bilateral das funções da linguagem e, mediante o processo de aquisição, na puberdade apenas um hemisfério se torna mais dominante em relação a elas, completando o período de aquisição. Caso a criança não adquira a linguagem nesse período, seu desenvolvimento linguístico será prejudicado. (LENNENBERG (1976) *apud* QUADROS, 2008. p. 78).

O processo de aquisição da linguagem fora do período crítico é considerado aquisição tardia. Considera-se que, para chegar a este fato, a criança passou por algo que causou a falta de *input* durante o período sensível, uma vez que a linguagem é inata, mas precisa do *input* capaz de oportunizar marcação paramétrica.

Como exemplos de aquisição tardia, a literatura sobre o tema refere-se a casos de crianças que viveram algum tipo de isolamento social em que não houve a marcação paramétrica para uma língua específica.

Entretanto, os dados da presente pesquisa mostraram-se discordantes com a hipótese do período crítico ou com parte dela, pois os nossos informantes que tiveram contato com a língua a partir dos 8 anos de idade apresentam uma língua com as mesmas características gramaticais, dentro do que foi focalizado neste estudo, quando comparados a um informante que teve um contato com a língua de sinais no seio de uma família surda, sendo falante de libras desde a primeira infância. Esses dados nos levam a algumas hipóteses: (i) o período crítico pode se estender até o início da adolescência; (ii) o *input* familiar mesmo com gestos caseiros funcionou como *input* para a língua de sinais; (iii) não existe período crítico para aquisição da linguagem.

Destas hipóteses a mais plausível perante os dados da nossa pesquisa é a (i), pois os nossos informantes chegaram à escola por volta de 8 a 10 anos de idade e, mesmo recebendo um *input* não muito homogêneo (isto é, um *input* de usuário de libras como L2 e também a

libras de outros surdos), não se verificou diferença entre a libras do informante de AT e a libras do informante de ANI. Quanto à hipótese (ii) a refutamos considerando que esta hipótese contradiz os pressupostos inatistas no que diz respeito à natureza do *input* necessário ao processo de aquisição. Se ninguém na família do informante de AT era falante de libras, conforme as informações obtidas na época em que este informante chegou à escola, ele não pode ter encontrado gatilhos para realizar a marcação dos parâmetros da libras na ausência desta língua. E refutamos a hipótese (iii) porque não temos contra-evidências que possam contestar o que outras pesquisas afirmam a este respeito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo representa apenas os primeiros passos de uma investigação que é uma verdadeira “mata virgem”, ou quase virgem, a ser desbravada. A libras, assim como as outras línguas de sinais mundo afora, é ainda desconhecida em termos de sua estrutura tipológica e gramatical, e em termos de aspectos de sua aquisição, que se configura muitas vezes em um contexto pouco comum à aquisição de uma língua natural, que é a aquisição tardia da L1.

Nessa abertura de trilhas de uma mata fechada, a utilização da escrita SEL na transcrição dos dados foi de fundamental importância à análise destes, pois este sistema nos possibilitou visualizar a articulação dos sinais, podendo identificar tipos de saturação de predicadores bastante imbricados com a natureza articulatória da libras, como é o caso da *saturação por Locs.* e da *autossaturação*. Também foi de fundamental importância neste estudo o conceito de unidade MLMov, de Lessa-de-Oliveira (2012), na definição da estrutura dos sinais. Tal conceito nos possibilitou identificar os sinais isolados e os sinais amalgamados, como os autossaturados, na análise da estrutura argumental e na observação dos tipos de predicação.

Acreditamos que a observação da existência de quatro tipos de saturação de predicadores em libras, esses dois tipos mencionados acima e mais a *saturação por sinal lexical* e a *saturação por categoria vazia*, é uma descoberta que pode contribuir interessantemente com os estudos de línguas de sinais, embora seja uma informação ainda muito inicial sobre a estrutura gramatical de sentenças nessa língua.

Os resultados da análise desses quatro tipos de predicação encontrados neste estudo orientaram a nossa análise sobre a questão da aquisição, que se deu através da comparação dos resultados sobre as ocorrências desses quatro tipos de predicação entre os três perfis de sujeitos informantes pesquisados.

O que os dados demonstraram foi que os três grupos apresentam uma libras com as mesmas características. A diferença de *input* não é percebida nos dados. O informante de *aquisição tardia* (AT) e o de *aquisição na infância de família ouvinte* (IFO), que tiveram como *input* a libras como L2 conjuntamente com a libras dos colegas surdos, não apresentaram diferença em relação ao informante de *aquisição natural na infância* (ANI), que teve como *input* a libras como L1. Acreditamos que este seja um resultado valioso tanto para os estudos de aquisição da linguagem quanto para os estudos de línguas de sinais. Para os

primeiros porque reforça a hipótese inatista, tratando de um contexto de aquisição bastante peculiar; e para os últimos porque lança luz à questão da qualidade da libras falada por surdos que a adquiriram após os 8 anos de idade, fora de casa, tendo em seu *input* a presença também da libras como L2 falada por ouvintes.

Por fim, podemos dizer que a hipótese do período crítico circunscrito aos 6 anos de idade não se confirma, uma vez que parte dos nossos informantes tiveram acesso a um *input* da libras somente a partir dos 8 anos de idade e isto não foi uma barreira para sua aquisição da libras como L1.

REFERÊNCIAS

- BARROS, M. E. *ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática*. UFSC. Florianópolis, 2007.
- BATTISON, R. Phonological deletion in American Sign Language. *Sign Language Studies*, v. 5, 1974.
- BELLUGI, U.; KLIMA, E. The acquisition of three morphological systems in American Sign Language. *Papers and Reports on Child Language Development*, v. 21, 1982.
- CANÇADO, M. *Argumentos: complementos e adjuntos*. Alfa, São Paulo, v. 53, n.1, p. 35-59, 2009.
- CHAN-VIANNA, A. C. *Aquisição de português por surdos: Estruturas de posse*. Dissertação de mestrado, UnB, 2003.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1965.
- _____. *Lecture on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- _____. *The knowledge of language: its nature, origin and use*. Praeger: New York, 1986.
- _____. *Kioto Lectures*, ms. 1987.
- _____. *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, N.; LASNIK, H. The Principles and Parameters Theory. In: CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1995.
- FELIPE, T. *O signo gestual-visual e sua estrutura frasal na língua dos sinais dos centros urbanos do Brasil (LSCB)*. Dissertação de mestrado, UFPE, 1988.
- _____. *A relação sintático-semântica dos verbos na língua brasileira de sinais - Libras*. Tese de doutorado, UFRJ, 1998.
- _____. Os processos de formação de palavras na Libras. *EDUCAÇÃO TEMÁTICA DIGITAL*, V. 7, 2006.
- FERREIRA BRITO, L. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FILLMORE, C. J. The Case for Case. In: BACH, E.; HARMS, R.T. (Eds). *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1968.
- FINAU, R. (2004). Os sinais de tempo e aspecto na Libras. Tese de doutorado, UFPR.

- FISCHER, S. Verb Inflections in American Sign Language and their Acquisition by the Deaf Child. *Paper presented at the winter Meeting the Linguistic Society of America*, 1973, [s.l., s.n.].
- FISCHER, S. Verb Inflections in American Sign Language and their Acquisition by the Deaf Child. *Paper presented at the winter Meeting the Linguistic Society of America*, 1973, [s.l., s.n.].
- FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: FREGE, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix. 1978. p.59-86.
- GROLLA, Elaine. *Aquisição da linguagem*. Florianópolis: UFSC. 2009.
- JACKENDOFF, R. S. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Massachusetts: MIT Press, 1972.
- KEGL, J. *Locative relations in American Sign Language Word Formation, Syntax and Discourse*. 1985. Dissertation (Doctoral) – MIT, Cambridge, MA, 1985.
- LIDDELL, S. *Grammar, gesture and meaning in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LENNENBERG, A.F. *Biological foundations of language*. New York: John Wiley, 1967.
- LESSA-DE-OLIVEIRA, A. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear, *ReVEL - Línguas de sinais: cenário de práticas e fundamentos teóricos sobre a linguagem*, v. 10, n. 19, 2012.
- LIRA, G.; FELIPE, T. *Dicionário da língua brasileira de sinais*. Versão 2.1. Rio de Janeiro: INES, 2008. (Disponível em: www.acesobrasil.org.br). Acesso em 01/12/2012.
- McCLEARY, L.; VIOTTI, E. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In SALLES, H. (Org.). *Bilingüismo e surdez. Questões lingüísticas e educacionais*. Brasília, DF: Editora da UNB, 2007.
- MEIR, I. A cross-modality perspective on verb agreement. *NLLT*, n. 20, p. 413-450, 2002.
- MIOTO, C. et al. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.
- MOREIRA, R. *Uma descrição da dêixis de pessoa na língua de sinais brasileira: pronomes e verbos indicadores*. 2007. 150f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de São Paulo. 2007.
- PADDEN, C. A. The relation between space and grammar in ASL verb morphology. In: *Sign Language Research – Theoretical Issues*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1990, p. 118-132.

- PASETSKY, D. *Paths and categories*. Dissertação (Doutorado), MIT, 1982.
- PINKER, S. *O instinto da linguagem; tradução Claudia Berliner*. São Paulo. Martins Fonseca. 2002.
- PIZZIO, A. L.; QUADROS, R. M. de.; REZENDE, P. L. F. *Língua Brasileira de Sinais II*, UFSC, Florianópolis 2008.
- PRADO, L.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. Dêixis em elementos constitutivos da modalidade “falada” de línguas de sinais, *ReVEL - Línguas de sinais: cenário de práticas e fundamentos teóricos sobre a linguagem*, v. 10, n. 19, 2012.
- QUADROS, R. M. de. *Efeitos de Modalidade de Língua: As Línguas de Sinais*. Em Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.167-177, jun. 2006.
- QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: Estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.
- QUADRO. R. M. de; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. *Língua Brasileira de Sinais I*. Florianópolis: UFSC, 2009.
- QUADROS, R. M. de; QUER, J. A caracterização da concordância nas línguas de sinais. In: LIMA-SALLES, Heloisa; NAVES, R. *Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos*. Goiânia: Cãnone, 2010.
- RAPOSO, E. On the Null Object in European Portuguese. In: JAEGGLI, D.; CORVALÁN, C.S. (eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Foris: Saldrech, 1986.
- _____. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.
- RIZZI, L. *Null objects in Italian and the theory of pro*. *Linguistic Inquiry* 17, p. 501-557, 1986.
- SANTOS, D.V. *Estudos de línguas de sinais: Um contexto para a análise da língua brasileira de sinais (Libras)*. Tese de doutorado, UFRJ, 2002.
- SCARPA, E. M. *Aquisição da linguagem*. In. MUSSALIN, F.C. *Introdução a linguística teórica*. V.2. São Paulo: Cotez, 2001.
- STOKOE, W. *Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language*. Listok Press, Silver Spring, MD, 1960.
- VAN VALIN Jr, R. D. *An Introduction to Syntax*. Cambridge University Press, 2001.
- VELOSO, Brenda. *Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na língua de sinais brasileira*. In: LIMA-SALLES, H.; NAVES, R. *Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos*. Goiânia: Cãnone, 2010.

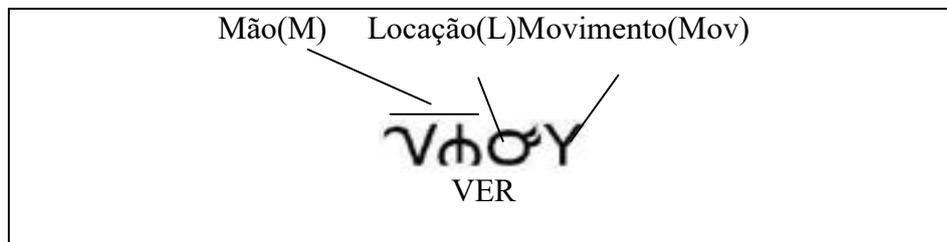
APÊNDICES

APÊNDICE A - REGRAS E CARACTERES DO SISTEMA DE ESCRITA SEL

A escrita SEL é caracterizada como um sistema de natureza trácica, porque é um sistema não-logográfico cujos caracteres (e diacríticos) representam os traços fonológicos distintivos participantes da articulação do sinal. Por essa característica este sistema se assemelha (não é idêntico) aos sistemas alfabéticos de escrita.

Descrição do sistema

Os caracteres (letras) deste sistema se subdividem em três macrossegmentos de acordo com as especificidades articulatórias dos sinais. São eles: *Mão*(M), *Locação*(L) e *Movimento*(Mov).



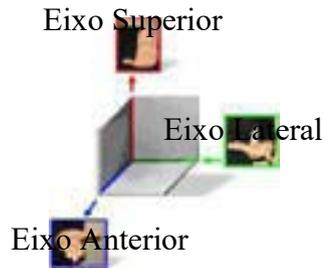
1. O MACROSSEGMENTO MÃO

O macrossegmento MÃO se forma por três elementos: *configuração de mão*, *eixo* e *orientação da palma*.

1.1 Configuração de mão - A configuração da mão corresponde ao desenho que a mão apresenta e é representada na escrita SEL pelo formato do caractere. O sistema SEL apresenta um inventário de 52 tipos de configurações nas formas minúscula e maiúscula, ambas nas versões mecânica e manuscrita, conforme figura abaixo.

| Configurações de mão | | minúsculas | maiúsculas | Configurações de mão | | minúsculas | maiúsculas |
|----------------------|--|------------|------------|----------------------|--|------------|------------|
| A | | ɑ ɔ | Α ɔ | Ípsilon | | vɪt ɪvɪt | VI/ ɪvɪt |
| Bê | | βm βm | Βm βm | Zê | | h ʔ | h ʔ |
| Bê Espraiado | | βm βm | Βm βm | Cinco | | ɸ ɸ | N ɸ |
| Cê | | ɔ ɔ | ɔ ɔ | Seis | | 6 6 | 6 6 |
| Cê Espraiado | | ɔw ɔlll | ɔw ɔw | Concha | | ʔ ʔ | ʔ ʔ |
| Cê Encolhido | | ɔ ɔ | ɔ ɔ | Mão Espalmada | | βm βm | βm βm |
| Dê | | d d | D D | Ele Espalmado | | βm βm | βm βm |
| Dê Encolhido | | d d | D D | Mão Espraída | | βm βlll | βm βlll |
| E | | e e | E E | Argola | | θ θ | θ θ |
| Efe | | f f | F F | Argola Indicadora | | aw dlll | dlll d |
| Gequê | | y ʔ | Y ʔ | Argola Média | | w ʔll | ʔll ʔ |
| Hagakapê | | y ʔll | Y ʔll | Legal | | β ʔll | β ʔll |
| Ijota | | ɪm ɪm | ɪM ɪm | Garra | | β ʔ | β ʔ |
| Ijota Estendido | | ɪm ɪm | ɪM ɪm | Garra Encolhida | | βm ʔll | βm ʔll |
| Ele | | ɹ ʔ | ɹ ʔ | Gancho | | ɹ ɹ | ɹ ɹ |
| Eme | | m m | M M | Pinça | | ɸ ʔ | ɸ ʔ |
| Uene | | m m | M M | Pinça Dupla | | ɸ ʔll | ɸ ʔll |
| Uele | | βm βm | βM βm | Pinça Espraída | | βm ʔlll | βm ʔlll |
| O | | o o | O ʔ | Pegador | | p ʔ | P ʔ |
| Erre | | ɹ ʔ | ɹ ʔ | Figa | | ɸ ʔ | ɸ ʔ |
| Esse | | ɸ ʔ | ɸ ʔ | Pêra | | ɹ ʔ | ɹ ʔ |
| Tê | | t t | T T | Anular Dobrado | | w ʔ | w ʔ |
| Vê | | v ʔ | V ʔ | Namoro | | u ʔll | u ʔll |
| Vê-ele | | y ʔ | Y ʔ | Chifre | | w ʔll | W ʔll |
| Dábilo | | w ʔll | W ʔll | Avião | | w ʔll | W ʔll |
| Xis | | h ʔ | h ʔ | Desabrochar | | w ʔll | W ʔll |

1.2 Eixos e orientação de palmas - Os eixos correspondem à posição da mão no início da realização do sinal – se com os dedos voltados para cima, para frente ou para a lateral.



No sistema SEL, marcamos o eixo e a orientação da palma (que são quatro possibilidades para cada eixo) com um caractere colocado logo em seguida ao caractere de configuração de mão (Ver figura abaixo). As configurações de mão se apresentam em leitura espelhada e a mão esquerda fica invertida em relação à direita, que é considerada a mão principal na escrita, para destros e canhotos.

| | | | |
|----------------|------------|-------------|-------------|
| Eixo Superior: | | | |
| para frente | para trás | para dentro | para fora |
| | | | |
| MLV_MV | MLA_MA | MLE_MA | MLA_ME |
| Eixo Anterior: | | | |
| para cima | para baixo | para dentro | para fora |
| | | | |
| MLΨ_MΨ | MLϕ_Mϕ | MLE_Mε | MLε_Mε |
| Eixo Lateral: | | | |
| para cima | para baixo | para trás | para frente |
| | | | |
| ML⊥_ML⊥ | ML⊂_ML⊂ | ML<_ML< | ML>_ML> |

O eixo ainda pode aparecer invertido, sendo marcado por um diacrítico colocado acima do caractere de marcação do eixo, como mostrado abaixo.



Eixo Superior



Eixo Superior Invertido

2. O MACROSEGMENTO LOCAÇÃO

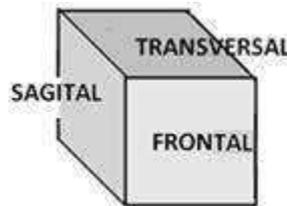
O macrossegmento LOCAÇÃO representa um ponto do corpo envolvido na articulação do sinal. O sistema SEL o representa com 27 caracteres, na forma minúscula, nas versões mecânica e manuscrita.

| | | | | | | | | |
|----------|--------|---------|------------------|---------|--------|---------|------------------|-----------|
| Cabeça | rosto | olho | Sobran- celha | barriga | testa | cabelo | Braço inteiro | cotovelo |
| boca | buço | dente | nariz | orelha | língua | virilha | pulso | Antebraço |
| bochecha | queixo | pescoço | nuca | tórax | ombro | costas | perna | braço |

3. O MACROSSEGMENTO MOVIMENTO

O macrossegmento MOVIMENTO se divide em dois tipos: *de mão* e *de dedo*.

3.1 **Movimento de mão** - O movimento de mão se compõe com três elementos: *tipo*, *orientação* e *plano*. Na escrita SEL, plano e orientação são marcados por um traço (diacrítico) acrescido ao de tipo de movimento, formando 172 caracteres.⁴⁶



| | Transcrição | | | | Sagital | | | Frontal | | | |
|---------------|--------------|--------------|------------|------------|--------------|------------|------------|------------|-------------|---------------|------------|
| | P/ Frente | P/ Frente | P/ Trás | P/ Trás | P/ Frente | P/ Trás | P/ Trás | P/ Cima | P/ Baixo | P/ Direita | P/ Esq. |
| semicircular | ↻ | ↻ | ↻ | ↻ | ↻ | ↻ | ↻ | ↻ | ↻ | ↻ | ↻ |
| curvo | ↷ | ↷ | ↷ | ↷ | ↷ | ↷ | ↷ | ↷ | ↷ | ↷ | ↷ |
| angular | ↘ | ↘ | ↘ | ↘ | ↘ | ↘ | ↘ | ↘ | ↘ | ↘ | ↘ |
| angular duplo | ↘↘ | ↘↘ | ↘↘ | ↘↘ | ↘↘ | ↘↘ | ↘↘ | ↘↘ | ↘↘ | ↘↘ | ↘↘ |
| sinuoso | ↻↷ | ↻↷ | ↻↷ | ↻↷ | ↻↷ | ↻↷ | ↻↷ | ↻↷ | ↻↷ | ↻↷ | ↻↷ |
| zigzague | ↻↘ | ↻↘ | ↻↘ | ↻↘ | ↻↘ | ↻↘ | ↻↘ | ↻↘ | ↻↘ | ↻↘ | ↻↘ |
| diagonal | ↘↘ | ↘↘ | ↘↘ | ↘↘ | ↘↘ | ↘↘ | ↘↘ | ↘↘ | ↘↘ | ↘↘ | ↘↘ |

⁴⁶ Sinuoso e Ziguezague não apresentam as orientações para frente e para trás no plano sagital.

| | | | | | | | | | |
|-----------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| retilíneo | Y | Y | | | | ♀ | ♂ | ♀ | ♀ |
| retilíneo breve | Y | Y | | | | ♀ | ♂ | ♀ | ♀ |
| retilíneo brevíssimo | Y | Y | | | | ♀ | ♂ | ♀ | ♀ |
| retilíneo vai e volta | | | | | | | | ♀ | ♀ |
| Curvo para frente | | | | | Γ | | | | |
| circular | ⊙ | ⊙ | ⊙ | ⊙ | ⊙ | ⊙ | ⊙ | ⊙ | ⊙ |

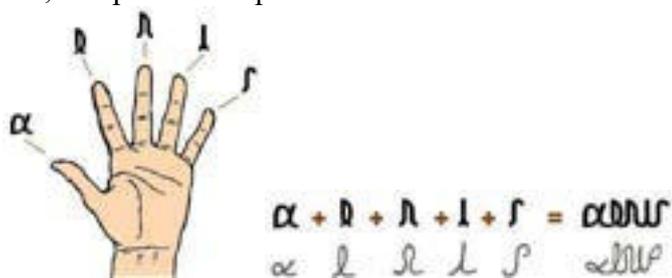
Formas manuscritas (básicas): *♀ Y Y λ **

Movimentos que não precisam de planos:

Batida Giro de Pulso Tremura Inversão de Palma

⊙ ⊙ ⊙ ⊙
⊙ ⊙ ⊙ ⊙

3.2 **Movimento de dedo** - O movimento de dedo é representado no sistema SEL por caracteres que correspondem a cada um dos cinco dedos da mão, os quais podem aparecer isolados ou combinados, a depender de quais dedos estão envolvidos no movimento.



Juntando dedos isolados e formas combinadas temos 19 caracteres de dedos.

| | | | | |
|----------------|-----------|-------------------|--------------|--------|
| Polegar | Indicador | Médio | Anular | Mínimo |
| | | | | |
| Duque | Terno | Quadra | Quina | |
| | | | | |
| Laço | Laçada | Rabicho | Agulha | Cacho |
| | | | | |
| LaçoMédio | | Rabicho Médio | Agulha Média | |
| | | | | |
| Mínimo Ausente | | Indicador Ausente | | |
| | | | | |

Sobre os caracteres de dedos recaem diacríticos que indicam o tipo de movimento realizado pelos dedos. (Exemplos: etc.) São 11 os diacríticos de movimento de dedos.

| | | | | | |
|-----------------------|--------|----------------|------------------|-------------------|-------------|
| Abrir gradativamente | Abrir | Abrir e fechar | Abrir duas vezes | Fechar duas vezes | Ziguezague |
| | | | | | |
| Fechar gradativamente | Fechar | Esfregar | | Movimentotesoura | Dobrar dedo |
| | | | | | |

4. DEMAIS DIACRÍTICOS

O sistema SEL ainda apresenta diacríticos colocados abaixo dos caracteres de eixo, para marcar os pontos em que a mão é tocada, e diacríticos colocados acima dos caracteres de configuração de mão (apenas da mão principal), para marcar a expressão facial necessária à composição de alguns sinais.

| | |
|---|--|
| <p>Pontos de toque:</p> <p></p> <p>PAPEL</p> <p></p> <p>PERGUNTAR</p> <p></p> <p>ENTENDER</p> | <p>Expressões faciais:</p> <p></p> <p>MAGRO</p> <p></p> <p>ZANGADO</p> <p></p> <p>ALEGRE</p> |
|---|--|

São 11 os diacríticos para marcação de pontos de toque. Esses diacríticos também podem aparecer sob os caracteres de dedos e de partes do corpo.

| | | | | | |
|--------------------|-------------------------------|---------------------------------|--------------------------------|--|----------------|
| Palma da mão | Dorso da mão | Pontas dos dedos | Lado do dedo polegar | Lado do dedo mínimo | Entre os dedos |
| ± | ⊥ | • | ☞ | ☞ | ☞ |
| Em volta dos dedos | Parte inferior da mão (pulso) | À esquerda (de partes do corpo) | À direita (de partes do corpo) | Parte superior (em partes do corpo e da mão) | |
| ⊙ | ∨ | ◀ | ▶ | ^ | |

E são 20 os diacríticos de expressões faciais.

| | | | | |
|--------------------|----------------------|-----------------------------------|-----------------------|-------------------------------------|
| Alegre/ feliz | Triste/ desanimado | Com medo / horrorizado/ assustado | Surpreso/ boquiaberta | Enojado/ insatisfeito/ com desprezo |
| ∪ | ^ | oo | o | ∩ |
| Irônico | Zangado | Azedo | Olhos fechados | Abrindo olhos |
| ∪ | ∨ | x | ∩ | ∪ |
| Bochechas infladas | Uma bochecha inflada | Bochechas comprimidas | Dentadas | Mexendo lábios |
| ⊙ | ∪ | ∩ | w | ~ |
| Soprando | Sugando | Ziguezague de queixo | Negação | Palavras interrogativas |
| ⊙ | ⊙ | ∩ | — | ? |

5. A PONTUAÇÃO

Quanto aos sinais de pontuação, a escrita SEL utiliza pontuação semelhante à do espanhol, com os sinais de interrogação e exclamação ocorrendo também no início da sentença, mas invertidos. A única coisa que se altera é o ponto final que é um pequeno xis (x). Há ainda uma marca de intensificação adverbial representada por duas barras verticais (||) colocadas logo após o item lexical.

APÊNDICE B - RESUMO EM LIBRAS COM GLOSAS

Observação: As glosas aqui procuram se aproximar o mais possível do sentido em português.

RESUMO

RESUMO

Dissertação esta objetiva pesquisar

Libras aquisição surdo (Loc.) o qual

Aquire libras três diferentes tiposprocessos

1) libras aquisição natural infância

(Sigla - ANI) libras familiar L1 (Loc.) input

2) libras aquisição infância

família ouvinte L2 (sigla - IFO) (Loc.) input

3) libras aquisição tardia (sigla - AT)

idade oito depois. Base teórica estudo

este é Gramática Gerativa hipótese

língua aquisição é inatismo.

ጠቢቅ-ከጋሪ ሃሳብ ለመጠቀም ይጠቀሳል
Pesquisa esta analisa sinal

ይህ ይህ ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል
assume hipótese unidade MLMov autora

ገሌጽ-ገሌጽ ለመጠቀም ይጠቀሳል (2012). ጠቢቅ-ጠቢቅ ለመጠቀም ይጠቀሳል
Lessa-de-Oliveira (2012). Transcrição dados

ጠቢቅ ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል
usa escrita SEL autora também

ገሌጽ-ገሌጽ ለመጠቀም ይጠቀሳል (2012). ጠቢቅ ለመጠቀም ይጠቀሳል
Lessa-de-Oliveira (2012). Usar metodologia

ጠቢቅ ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል
escrita SEL importante porque transcrição dados

ጠቢቅ ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል
original igual ocorreu. Pesquisa esta

ጠቢቅ ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል
encontra características libras sintagmas

ጠቢቅ ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል
várias encontra palavra saturada sentido

ጠቢቅ ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል
quatro diferentes tipos 1) palavra saturada item lexical 2) palavra

ጠቢቅ ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል
Saturada argumento vazio 3) palavra saturada

ጠቢቅ ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል
argumento Loc. 4) palavra autosaturada

ጠቢቅ ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል
Resultado pesquisa esta mostra

ጠቢቅ ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል
Gramática libras tem quatro tipos palavra

ጠቢቅ ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል
ጠቢቅ ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል ለመጠቀም ይጠቀሳል

